

**Editoras mineiras**  
panorama histórico  
v. 2

**Organizadora**  
Sônia Queiroz

**v**  
**v v**  
**v v**  
**viva voz**

**Organizadora**  
Sônia Queiroz

**Editoras mineiras**  
panorama histórico  
v. 2

v  
v v  
v v  
viva voz

FALE/UFMG  
Belo Horizonte  
2009

v  
v v  
v v  
viva voz

## Sumário

**Diretor da Faculdade de Letras**  
Jacyntho José Lins Brandão

**Vice-Diretor**  
Wander Emediato de Souza

**Comissão editorial**  
Eliana Lourenço de Lima Reis  
Elisa Amorim Vieira  
Fábio Bonfim  
Lucia Castello Branco  
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra  
Maria Inês de Almeida  
Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**  
Mangá – Ilustração e Design Gráfico

**Revisão e normalização**  
Liliana Tironi Prado  
Patrícia Souza Diniz

**Formatação**  
Juliana Gonçalves

**Revisão de provas**  
Eduardo de Lima Soares  
Janaína Sabino

**Endereço para correspondência**  
LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081  
31270-901 – Belo Horizonte/MG  
Tel.: (31) 3409-6072  
*e-mail*: revisores.fale@gmail.com  
*website*: www.lettras.ufmg.br/labed

**5 Em busca da nossa história editorial**  
Liliana Tironi Prado

**6 Brava história da edição em Minas Gerais**  
Liliana Tironi Prado  
Patrícia Souza Diniz

**9 Editoras afro-descendentes no Brasil e em Minas**  
Sibele Ribeiro

**11 Edições Espíritas no Brasil e em Minas Gerais**  
José Junior Santos

**14 Relação escola-editora**  
Daniel Alves

**19 Programa Nacional do  
Livro Didático (PNLD) e editoras mineiras**  
Simone Garófalo Carneiro

**23 Nandyala: nascida em tempo de fome**  
Alessandro Assis  
Janaina Sabino  
Juliano Matos  
Patrícia Fonseca  
Sibele Ribeiro

## Em busca da nossa história editorial

Liliana Tironi Prado

### 30 Casa dos Espíritos

#### Editora: vozes de outra dimensão

André Fonseca e Silva de Carvalho  
Elen Luci Cabral de Campos  
Gardênia Caldeira Soares  
José Junior Santos  
Márcia Diniz Guimarães

### 34 Editora Balão Vermelho: edições lúdicas

Angelli de Castro da Silva  
Loiany Camile Gomes  
Patrícia Souza Diniz  
Simone Ferreira da Silva

### 41 Editora FAPI: imprimindo a educação no Brasil

Bráulio César Pereira Silva  
Ireni Gomes da Silva  
Renata Luiza de Miranda

### 45 Autêntica Editora: um percurso que deu certo

Camila Magalhães  
Marcos de Faria  
Nathália Vieira  
Rogério Moraes

### 53 Editora PUC-Minas:

#### um trabalho em florescimento

Carla Janaina de Souza Carneiro  
Daniel Antônio de Sousa Alves  
Liliana Tironi Prado  
Verônica Gomes Olegário Leite

### 59 O impresso em Minas Gerais:

#### uma cronologia contextualizada

### 64 Referências

A Faculdade de Letras da UFMG iniciou em 2008 a pesquisa *História da Edição em Minas*, com o objetivo de reunir depoimentos e experiências de profissionais da edição, inspirada no bem-sucedido projeto *Editando o Editor*, desenvolvido por estudantes da Escola de Comunicação e Artes – ECA – da USP, sob a coordenação da professora Jerusa Pires Ferreira, a quem prestamos aqui a nossa carinhosa homenagem.

Por meio da coleção de livros resultante desse projeto da ECA/USP, publicada pela editora-laboratório Com-Arte, atualmente em coedição com a Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, tivemos a oportunidade de conhecer grandes editores brasileiros, como: Flávio George Aderaldo, Arlindo Pinto de Souza, Ênio Silveira, Jacó Guinsburg, Cláudio Giordano e Jorge Zahar.

Nossa pesquisa utilizou a mesma metodologia do projeto *Editando o Editor*, baseada no contato pessoal, na escuta, gravação, anotação, transcrição e editoração dos depoimentos dos profissionais da edição entrevistados. Todo este trabalho foi orientado pela professora responsável pela disciplina História da Edição em Minas na FALE/UFMG: a definição dos diversos tópicos a serem abordados nas entrevistas, assim como a nossa postura diante dos entrevistados – uma atitude de diálogo, primando pela escuta, e nos deixando envolver pelo entusiasmo dos depoimentos.

Além de conhecer o perfil profissional desses homens e mulheres de edição, tivemos a impressão de entrar em contato pessoalmente com cada um deles, através de suas histórias de vida, que se entrelaçam com o trabalho editorial.

## Brava história da edição em Minas Gerais

Liliana Tironi Prado

Patrícia Souza Diniz

Alguns séculos separam a história da edição no Brasil da história da edição nos países europeus. Segundo Hallewel, na sua *História do livro no Brasil*, a impressão nas colônias americanas de Portugal percorreu um árduo caminho até a autorização real para a implantação de prensas, que, no Brasil, ocorreu apenas em 1808, quase quatrocentos anos após a invenção da imprensa na Europa.

A documentação relativa à editoração no estado de Minas Gerais, mais especificamente, não é extensa. Aliás, o estudo da história da edição em Minas é marcado pelo escasso material bibliográfico; não há uma pesquisa exaustiva sobre a edição em tal estado, mas esta serve para corroborar a reconhecida vocação do estado para a contestação política. Há, por exemplo, registros de publicações anteriores à legalização das artes tipográficas no Brasil – como é o caso das *Cartas Chilenas*, publicadas em Vila Rica, em 1789, satirizando o governo da então Capitania das Minas Gerais.

Mesmo com tal vocação do estado, não é possível fugir da máxima de que a história tende a privilegiar o lado que detém o poder: considera-se como a primeira impressão em Minas Gerais o *Canto encomiástico*, mesmo este último tendo sido publicado em 1807, quase vinte anos após as *Cartas Chilenas*. Seria isso devido ao tom elogioso e de homenagem que o *Canto encomiástico* adota em relação ao então governador de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier de Athayde e Melo?

O poema dedicado ao então governador provincial foi escrito pelo Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos e impresso pelo padre José Joaquim Viegas de Menezes, pelo processo de calcografia. Viegas de Menezes, quando estudante em Portugal, aprendeu a arte de gravar no Arco do Cego, um espaço cultural importante em Lisboa, fundado por um mineiro, Frei Veloso.

Independente de vocações políticas ou defesas de interesses, não se pode negar a importância de Minas Gerais para a história da edição no Brasil. Entre 1821 e 1822 apareceu a imprensa em Vila Rica, atual Ouro Preto, pelo trabalho de dois leigos em tipografia: o chapeleiro e sirgheiro (que fazia obras de seda) português Manuel José Barbosa Pimenta e Sal, que mais tarde passou a assinar Manuel José Barbosa, e o padre José Joaquim Viegas de Menezes, que já foi mencionado antes como gravador. Manuel José Barbosa possuía um livro de ciências e artes em francês, e pediu ajuda ao padre Viegas de Menezes para a tradução da parte referente à tipografia. As gravuras do livro eram muito exatas e claras em detalhes e isso lhes permitiu fabricar um prelo e fundir tipos. A oficina de imprensa ficou pronta no final do ano de 1821, e funcionou precariamente.

A partir de 1822, quando D. João autoriza a imprensa no reino, várias cidades mineiras instalaram suas tipografias: nesse mesmo ano, em Ouro Preto, foram instaladas a Tipografia Nacional e a Imprensa Patrícia, de Barbosa e Cia, na qual foi editado, em 1824, o primeiro jornal do estado de Minas Gerais: a *Abelha de Itacolomy*; em 1827, instalou-se uma tipografia na cidade de São João Del Rei; no ano de 1828, em Diamantina; e em 1830, em Mariana.

O primeiro livro impresso em Minas, mais exatamente em Vila Rica, data de 1835: a coleção das *Leis do Império do Brasil*. Entretanto, o *Atlas Cultural do Brasil* afirma que a primeira impressão mineira foi o *Dicionário da língua brasileira*, em 1832.

A editora mineira mais antiga e mais conhecida é a Livraria Editora Itatiaia. Fundada em 1959 por Pedro Paulo e Edison Moreira, tem uma produção anual de 70 títulos. Sua primeira publicação foi a Coleção Buriti, de literatura, iniciada no mesmo ano da inauguração. A editora tem como política editorial a “[...] preocupação com o aspecto estético da produção de livros”. Seu catálogo conta com publicações de Ciências Sociais (as

## Editoras afro-descendentes no Brasil e em Minas

Sibele Ribeiro

coleções Biblioteca de Estudos Brasileiros e Biblioteca de Estudos Sociais e Pedagógicos) e de Ciências Naturais (a coleção O homem e a ciência). A Editora Itatiaia ainda conta com publicações de grandes obras, como *A divina comédia* (Dante), *Dom Quixote* (Cervantes), *Fausto* (Goethe) e *Guerra e Paz* (Tolstoi). A partir de 1973, publicou uma série de grande relevância: a Reconquista do Brasil, coleção que incluía relatos de antigos viajantes.

Em 1970, estavam em funcionamento em Minas Gerais apenas quatro editoras; em contrapartida, São Paulo e Rio de Janeiro contavam, cada estado, com 45 empresas editoriais.

Atualmente, estão em atuação em Minas diversas editoras, dentre elas a Editora FAPI e Balão Vermelho, que publicam livros didáticos e paradidáticos para o público infantil; a Editora Nandyala, que publica obras especializadas em assuntos da África e dos afro-descendentes; a Editora Casa dos Espíritos, que publica livros psicografados e de divulgação da doutrina do Espiritismo; a Autêntica Editora, com um catálogo amplo, que inclui livros acadêmicos, literatura, esportes e gastronomia; e a Editora da PUC-Minas, que fundamentalmente publica obras de caráter científico.

Vencida a barreira temporal que separava a história da edição brasileira da europeia, e superadas as proibições de publicação e impressão, chega a hora de reivindicar o espaço de Minas Gerais nos compêndios e estudos sobre edição brasileira feitos até o momento. Apesar de ser rica a história da edição mineira, até hoje pouco reconhecimento foi dado ao estado nessa área. Nada mais justo, portanto, do que um estudo que se voltasse para a sistematização da produção editorial no estado de Minas Gerais.

Para caracterizar a atividade das poucas editoras especializadas em literatura afro-descendente no Brasil o termo mais adequado é *integração*, pois, longe de tratar a literatura afro como um segmento independente e desvinculado, as editoras, cujo exemplo mais próximo é a Nandyala, tratam essa literatura como uma parte integrante da cultura e literatura brasileira e dão voz à expressividade literária afro-brasileira. Essas editoras desempenham um papel social muito importante: o de mostrar que a literatura afro-descendente não se diferencia na pele do autor, mas sim na linguagem e tematização traduzida em literatura.

Por muito tempo excluída dos grandes cânones e deixada de lado nas prateleiras das livrarias, a literatura afro-descendente vem tomando força e ganhando um espaço cada vez mais respeitado e reconhecido. Reflexo desse reconhecimento é a lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório, nos três níveis da educação formal, o ensino da história e cultura afro-brasileira, incluindo nas escolas o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.

O espaço das editoras especializadas em literatura afro tornou-se um ponto de encontro e de valorização da cultura afro-descendente, no qual podemos respirar e conhecer um pouco mais dessa cultura de resistência tão presente entre nós, porém, muitas vezes despercebida.

O que as editoras vêm buscando proporcionar é sobretudo o acesso ao conhecimento sobre o vasto e rico universo africano. Ideais de integração das culturas e das raças dão um sentido maior ao trabalho das editoras afro-descendentes, pois seus editores e idealizadores sabem que, mais que produzir livros, sua função é promover o conhecimento da história africana e o respeito a um povo guerreiro, que tanto contribuiu para nossa formação.

Em Minas Gerais a Mazza Edições, uma gráfica-editora, foi pioneira na publicação da literatura escrita por negros brasileiros. Mais recentemente, nasceu a Nandyala, uma livraria-editora, que, em seu espaço constituído de duas salas e uma pequena área externa, promove noites de autógrafos com autores africanos e afro-brasileiros, encontros com escritores e cursos sobre temas de interesse na área. Na mesma esteira está a Sobá, que começou como estande em eventos e hoje é uma livraria-café-galeria e daqui a pouco, quem sabe, vai também se tornar um editora. Uma curiosidade: esses três empreendimentos pioneiros, todos sediados em Belo Horizonte, são dirigidos por mulheres negras, mestres e doutoras nas áreas de comunicação social e letras.

## Edições Espíritas no Brasil e em Minas Gerais

José Junior Santos

A doutrina espírita, que tem como base preceitos cristãos e considera que a essência humana é baseada na existência de um espírito imortal, surgiu em sua forma moderna em 1848 em Hydesville, Nova York, EUA, com as irmãs Kate e Margareth Fox, que começam a receber mensagens de espíritos.

Em 1856 Hippolyté Léon Denizard Rivail, sob o nome de Alan Kardec, recebe a missão de ser o “codificador” do espiritismo, então, em 18 de abril de 1857, surgem nas livrarias de Paris os primeiros exemplares d’ *O Livro dos Espíritos*, o livro mais importante para a história do espiritismo.

No Brasil o espiritismo surge em 1865, com Luiz Olímpio Telles de Menezes, que funda, em Salvador – BA, o Grupo Familiar do Espiritismo, e, em 1º de janeiro de 1884, funda-se a FEB, Federação Espírita Brasileira. Pouco mais de duas décadas depois, em 1908, é fundada a União Espírita Mineira.

O estado de Minas Gerais possui um lugar de destaque no cenário nacional do espiritismo, pois são daqui médiuns importantes para o espiritismo, como Zé Arigó, que viveu em Congonhas, e Chico Xavier, nascido em Pedro Leopoldo e que viveu grande parte de sua vida em Uberaba.

Chico Xavier representa um capítulo à parte na história do espiritismo, tendo sido responsável pela popularização da Doutrina Espírita no Brasil (imprimindo a ela uma linha próxima ao catolicismo). Lançou seu primeiro livro, *Parnaso de além túmulo*, em 1932, com grande repercussão na imprensa brasileira por se tratar de poemas de poetas desencarnados, alguns muito famosos, como: Olavo Bilac, Augusto dos

Anjos, Castro Alves, Antero de Quental e Cruz e Souza, chegando a ser estudado por críticos literários.

Chico Xavier psicografou mais de 400 livros que em sua grande maioria foram editados pela FEB, mas foram editados também em editoras especializadas de vários pontos do país, como: Centro Espírita União, Casa Editora O Clarim, Edicel, Federação Espírita do Estado de São Paulo, Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Fundação Marieta Gaio, Grupo Espírita Emmanuel (editora fundada em 1967, em São Bernardo do Campo – SP, com o propósito específico de divulgar a obra de Chico Xavier), Comunhão Espírita Cristã, Instituto de Difusão Espírita, Instituto de Divulgação Espírita, Livraria Allan Kardec Editora, Editora Pensamento e, em Minas Gerais, pelo Instituto de Divulgação Espírita André Luiz e União Espírita Mineira.

Os livros psicografados por Chico Xavier alcançaram a tiragem de 25 milhões de exemplares, e assim ele se configura como um fenômeno editorial: o único autor nacional a vender mais do que ele no Brasil é Paulo Coelho. Seu livro *Nosso Lar*, atribuído ao espírito André Luiz, é o de maior tiragem, com mais de um 1,3 milhões de exemplares vendidos.

Outros espíritas brasileiros se tornaram *best-sellers*. É o caso do baiano Divaldo Franco, com 220 livros psicografados e 7 milhões de exemplares vendidos, e Zíbia Gasparetto, com 22 títulos e 4,5 milhões de unidades distribuídas.

O mercado editorial espírita no Brasil está em franca expansão, vale ressaltar que o Brasil é atualmente o maior país espírita. Esse sucesso, em larga medida, explica-se por uma mudança do modelo convencional da literatura espírita para o filão da autoajuda, cujo exemplo maior é Zíbia Gasparetto.

Usando uma linguagem mais coloquial, moderna e situações do cotidiano, essa literatura encontra ressonância especialmente entre os segmentos de classe média, ultrapassando os limites do espiritismo. Nesse sentido, contribui para a divulgação de temas fundamentais da doutrina espírita.

A edição de livros espíritas apresenta também um fator interessante no que concerne aos direitos autorais, visto que quem psicografa os livros é considerado, apenas, como um instrumento da espiritualidade, e o lucro

obtido com a venda desses livros geralmente é destinado a instituições filantrópicas mantidas pelas editoras.

Atualmente existem sete editoras espíritas filiadas ao SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros, sendo uma de Belo Horizonte, e cinco filiadas à CBL – Câmara Brasileira do Livro; a CML – Câmara Mineira do Livro – possui entre seus associados duas editoras dedicadas à publicação de livros espíritas.



## Relação escola-editora

Daniel Alves

No Brasil, a edição de livros escolares/acadêmicos começa no fim do século XIX, com a Livraria Clássica. Pioneira no ramo, a empresa foi líder nesse nicho de mercado até a década de 1920, graças à qualidade de sua produção e também graças à adoção de algumas práticas comerciais que hoje em dia seriam questionáveis. A livraria, por exemplo, costumava eliminar seus competidores, praticando preços inferiores aos do mercado, como aponta Hallewell.<sup>1</sup>

Desde os primeiros investimentos neste nicho de mercado até os dias de hoje, muito mudou no cenário do mercado de livros escolares no Brasil. Para citar apenas três grandes mudanças: A impressão dos livros passou a ser feita nacionalmente – até antes da Primeira Guerra Mundial, era feita na Europa;<sup>2</sup> iniciativas governamentais expandiram consideravelmente o número de alunos nas escolas – e, conseqüentemente, aumentaram a tiragem dos livros educacionais;<sup>3</sup> e a publicação de obras universitárias deixou de ser privilégio de um pequeno grupo de editoras, e passou a ser feita por diversas editoras, ligadas às próprias universidades.<sup>4</sup>

Não há, infelizmente, nos textos que relatam a história das editoras de livros acadêmicos, dados detalhados sobre o papel de cada estado no cenário editorial brasileiro. Para este texto, a ausência de informações

<sup>1</sup> HALLEWELL. *O livro no Brasil*, p. 41.

<sup>2</sup> HALLEWELL. *O livro no Brasil*, p. 42.

<sup>3</sup> PAIXÃO; MIRA. *Momentos do livro no Brasil*.

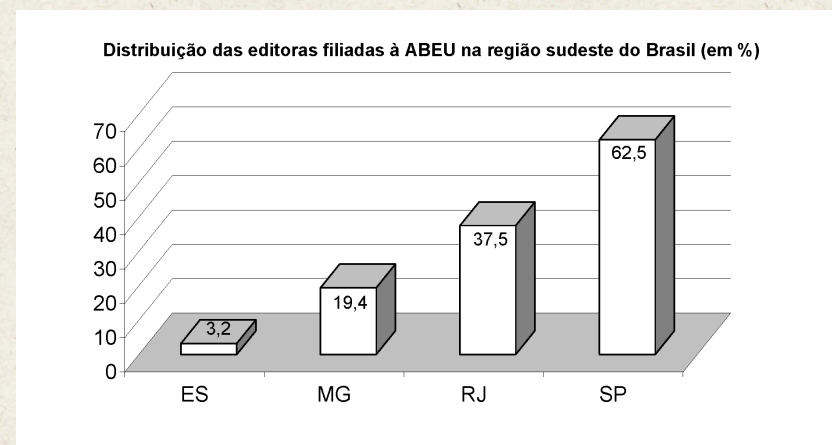
<sup>4</sup> HALLEWELL. *O livro no Brasil*, p. 167.

sobre as empresas que se instalaram no estado de Minas Gerais é a mais sentida. Apesar de o estado nunca ter se ausentado da vida cultural do país, há poucas informações sobre sua participação no cenário editorial, bem como sobre as editoras locais e as histórias de vida dos homens e mulheres que se dedicaram a este ramo.

A coleção Editoras Mineiras vem preencher esse espaço de falta de informações e levantamentos mais específicos sobre a história da edição em Minas Gerais, apresentando algumas das histórias dos editores e editoras que atualmente constroem o cenário editorial mineiro.

### Editoras Universitárias em Minas Gerais

Como já mencionado, não há um levantamento formal das editoras que se dedicam à produção de livros escolares acadêmicos em Minas Gerais. É possível apenas fazer levantamentos indiretos para se saber quais empresas mineiras se dedicam a esse nicho de mercado. O site da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), por exemplo, é um dos que permite tal tipo de levantamento. Segundo a associação, 31 de suas editoras filiadas estão instaladas na região sudeste do Brasil. No gráfico a seguir, é possível ver a distribuição de editoras filiadas à ABEU na região sudeste do país:



No gráfico, foi destacada a participação das editoras mineiras na lista das filiadas à ABEU. Como se pode ver, de todas as editoras instaladas

no sudeste brasileiro, apenas 19,4% (ou seis) das editoras são mineiras. A seguir, é apresentada a lista dessas seis instituições:

- EDITORA UFJF – Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora
- EDITORA UFV – Editora da Universidade Federal de Viçosa
- EDITORA UNIMONTES – Editora da Universidade Estadual de Montes Claros
- EDUFU – Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia
- PUC MINAS – Editora PUC-Minas
- UFLA – Editora UFLA – FAEPE

Considerando-se, no entanto, o número de Instituições Federais de Ensino Superior instaladas em Minas Gerais (das 19 IFES da região sudeste do Brasil, 11 estão instaladas em solo mineiro), pode-se questionar a baixa proporção de editoras mineiras entre as filiadas da ABEU. Assim, foi feito um levantamento de quais são as Universidades Federais mineiras que contam com editoras próprias. O resultado desse levantamento é apresentado a seguir:

Universidade	Endereço eletrônico da editora
Universidade Federal de Juiz de Fora	<a href="http://www.editoraufjf.com.br/">http://www.editoraufjf.com.br/</a>
Universidade Federal de Lavras	<a href="http://www.ufla.br/Administracao/reitoria/regimentos/editora.pdf">http://www.ufla.br/Administracao/reitoria/regimentos/editora.pdf</a>
Universidade Federal de Minas Gerais	<a href="http://www.editoraufmg.com.br/">http://www.editoraufmg.com.br/</a>
Universidade Federal de Ouro Preto	<a href="http://www.soc.ufop.br/doc/resolucoes/CUNI/anexo/CUNI0873%20-%20Anexo.doc">http://www.soc.ufop.br/doc/resolucoes/CUNI/anexo/CUNI0873%20-%20Anexo.doc</a>
Fundação Universidade Federal de Uberlândia	<a href="http://www.edufu.ufu.br/">http://www.edufu.ufu.br/</a>
Fundação Universidade Federal de Viçosa	<a href="http://www.editoraufv.com.br/">http://www.editoraufv.com.br/</a>
Fundação Universidade Federal de São João Del Rei	<a href="http://www.ufsj.edu.br/portal-paginas_tematicas/11.26.301.400.500.php">http://www.ufsj.edu.br/portal-paginas_tematicas/11.26.301.400.500.php</a>

Cabe ainda destacar a Universidade Federal de Alfenas, que apesar de ainda não ter editora própria, busca – desde o fim de 2008 – parcerias e programas de cooperação para instalar uma editora própria, como aponta o site da Universidade Federal de Viçosa.

Consolidando as duas listas, é possível dizer que há, pelo menos, 11 editoras universitárias (mais uma a ser instalada) no estado de Minas Gerais. Infelizmente, mais uma vez, vale enfatizar que esse número não é oficial, mas sim um levantamento.

Nem só de livros universitários vive o mercado de livros escolares/acadêmicos. A próxima seção diz respeito às editoras que se dedicam à edição de livros para o nível fundamental e o médio.

## O mercado de livros acadêmicos

Como dito anteriormente, o mercado de livros escolares/acadêmicos não é exclusividade das editoras universitárias. Há também as editoras voltadas para o ensino anterior ao nível superior, como é o caso da editora Balão Vermelho, que se dedica à produção de “um material paradidático, de apoio ao trabalho educacional (desenvolvido na escola Balão Vermelho)”, como aponta Iêda Maria Luz Brito.<sup>5</sup> Além, é claro, das editoras que se dedicam à produção de material paradidático, como é o caso a FAPI, que produz “livros de literatura infantil, infanto-juvenil, jurídicos, obras de referência, livros didáticos e paradidáticos”, focalizando este último.<sup>6</sup>

Hoje em dia, no Brasil, o grande comprador de livros escolares/acadêmicos é o Estado. Diversas editoras que se dedicam ao nicho de livros voltados para o ensino apontam a dificuldade de se sobreviver neste mercado sem conseguir vender para o governo. Dois exemplos disso são apontados pelas editoras Rejane Dias (da Autêntica Editora) e Zélia Almeida (da Editora Dimensão). Segundo Dias,<sup>7</sup> o governo é responsável por “setenta por cento das compras de livros no mercado. É impossível uma grande editora, no Brasil, se consolidar sem o apoio institucional. Todas as editoras precisam desse espaço.”

<sup>5</sup> QUEIROZ; MATARELLI (Org.). *Editoras mineiras*, v. 1, p. 29.

<sup>6</sup> QUEIROZ; MATARELLI (Org.). *Editoras mineiras*, v. 1, p. 40.

<sup>7</sup> QUEIROZ (Org.). *Editoras mineiras*, v. 2, p. 43.

É pequena, como se pode depreender pela fala de Dias, a fatia privada no comércio de livros escolares/acadêmicos. Nem pais, nem escolas particulares conseguem se equiparar às compras governamentais. O que é confirmado por Almeida,<sup>8</sup> que aponta que “antes, o comércio das escolas particulares era certo, mas hoje elas estão muito apostiladas. O governo compra muito e o pagamento é certo”.

<sup>8</sup> QUEIROZ; MATARELLI (Org.). *Editoras mineiras*, v. 1, p. 74.

## **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e editoras mineiras**

Simone Garófalo Carneiro

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), fundado na compra de livros para as escolas públicas brasileiras, movimenta milhões de reais do orçamento público anualmente, atendendo a milhares de pessoas em todo o Brasil. Sua existência impulsiona o mercado editorial brasileiro de livros escolares, mas até hoje a participação das editoras mineiras mostra-se tímida.

### **Histórico**

Oficialmente a relação entre Estado e livro didático iniciou-se no período do Estado Novo. Em 1938 foram regulamentadas as condições de produção, importação e uso do livro didático. O Estado passou a ter controle sobre o conteúdo ideológico veiculado nos livros. Segundo Célia Cassiano, “de 1938 até 1985, variadas formas de controle e intervenção estatal incidiram sobre o livro didático brasileiro, norteadas diferentemente sua circulação, principalmente no período da ditadura militar (1964-1984)”.<sup>1</sup>

Em 1985 foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sendo um de seus objetivos a distribuição de livros didáticos para todos os alunos do Ensino Fundamental da rede pública. Contudo, somente a partir de 1995, esse objetivo se concretizou. Em 1996 é criado o processo de avaliação pedagógica dos livros, que vai se aperfeiçoando, sendo usado até os dias de hoje. Em 1997 a responsabilidade pelo programa passou integralmente ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

<sup>1</sup> CASSIANO. *O mercado do livro didático no Brasil*, p. 29.

(FNDE) e desde então o PNLD vem sendo ampliado consideravelmente. Em termos de organização o ano 2000 foi um marco, pois, pela primeira vez, os livros foram entregues às escolas antes do início do ano letivo.

## Funcionamento

A execução do PNLD começa pela etapa de inscrição das editoras. As obras apresentadas são submetidas à avaliação pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), que verifica se elas se enquadram nas exigências técnicas e físicas do edital. Os livros selecionados são encaminhados para a avaliação pedagógica, realizada por especialistas, conforme critérios divulgados no edital. Esses especialistas, após a avaliação, publicam as resenhas dos livros aprovados, que passam a constar no *Guia do Livro Didático*.

Escolas e professores recebem o *Guia do Livro Didático* e, a partir dele, escolhem as obras que serão utilizadas, enviando os pedidos para o MEC. Em seguida, o FNDE inicia a negociação com as editoras, não sendo exigida a licitação, tendo em vista garantir a atenção às escolhas dos professores. A distribuição dos livros é feita diretamente pelas editoras às escolas através dos correios, ressalvados os casos das escolas nas zonas rurais, para as quais os livros são entregues nas prefeituras ou secretarias municipais de educação.

Os livros didáticos devem ser reutilizados durante três anos, sendo, por isso, realizadas as compras integrais de livros em anos alternados. Nos intervalos entre as compras integrais são feitas reposições e complementações. Essa regra só não vale para os livros da primeira série, que são adquiridos anualmente.

## Política pública x Mercado

No início da política pública de distribuição de livros didáticos o único critério observado pelo governo era o preço. Segundo Hallewell "os preços [...] eram os mais baixos possíveis (só poderiam ser ainda mais baixos se fossem mais simples, impressos numa só cor, em papel inferior e com um mínimo de ilustrações)"<sup>2</sup>. Com isso, editoras e livrarias queixavam-se da invasão do mercado de didáticos com livros a preços irrealistas, altamente

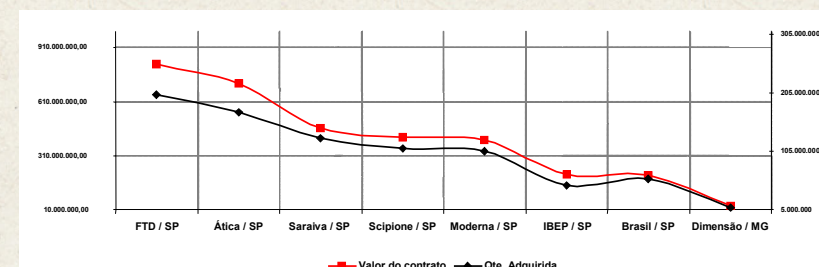
<sup>2</sup> HALLEWELL. *O livro no Brasil*, p. 466.

subsidiados, que prejudicavam a venda de obras produzidas pelo setor privado. Para resolver o problema das milhares de crianças cujos pais eram pobres demais para comprar livros escolares e, simultaneamente, resolver o problema das empresas privadas, foi instituído o PNLD, que passou a comprar livros das editoras.

Dados do final da década de 1990 mostram que a produção de livros didáticos no Brasil compunha mais de 60% de toda a produção editorial no país, chegando aos 74% em 1996. De todo esse montante, mais de 30% das obras eram vendidas ao governo. Números tão altos nos revelam uma espécie de dependência do mercado editorial brasileiro com relação ao PNLD. Com a expansão do programa, nos anos 2000, acreditamos que os números apresentados acima tenham se acentuado ainda mais.

## Participação das editoras mineiras no PNLD

Analisando os dados obtidos através do FNDE percebemos que durante treze anos (1996-2008) o PNLD teve uma predominância muito acentuada na aquisição de livros de apenas oito editoras, que sempre participaram do programa. Dessas, apenas uma é mineira. Entretanto sua participação em valor de contrato e quantidade de livros adquirida é bem inferior às demais, todas paulistas, conforme o gráfico a seguir:



Em 1996 havia 29 editoras participantes do programa, sendo que quatro eram mineiras: Formato, Lê, Vigília e Dimensão. A editora paulista Saraiva, em 2003, dando sequência ao plano de expansão de suas atividades editoriais no segmento de livros didáticos e paradidáticos, adquiriu o controle acionário da mineira Formato Editorial. Também em 2003, a Editora Lê passou a contar com nova direção, que optou por se

dedicar exclusivamente à literatura infantil e juvenil, tendo deixado de participar do PNLD desde 2002. A editora Vigília encerrou suas atividades com uma última participação no PNLD/99.

Apenas uma editora mineira, Dimensão, continua como participante do programa, enviando seus livros didáticos para avaliação<sup>3</sup>. Em 2009, entre o total de 15 participantes, a mineira Dimensão está em 12ª posição em valor do contrato e quantidade de livros adquirida, ou seja, uma tímida participação no programa.

### Considerações finais

Nota-se a fundamental importância de se refletir sobre a influência do setor privado e das leis de mercado nessa política pública educacional importantíssima, sobretudo, pelos números que movimenta<sup>4</sup>. Fundamental, ainda, verificar como o mercado editorial mineiro de livros didáticos está perdendo espaço para as grandes editoras, que estão intimamente ligadas ao programa governamental, em todas suas instâncias, incluindo aí a escolha dos professores, que muitas vezes são influenciados por propagandas veiculadas na mídia.

Parte deste trabalho foi elaborado e apresentado para a disciplina Política Educacional, da Faculdade de Educação/UFMG, em novembro de 2008. O enfoque dado à análise das editoras mineiras foi especialmente elaborado para atender a um convite da Professora Sônia Queiroz, em julho de 2009.

<sup>3</sup> As informações sobre o histórico das editoras foram retiradas dos sites das mesmas.

<sup>4</sup> O Brasil figura hoje no *Guinness Book* como o país que tem o maior programa de fornecimento de livros do mundo.

## Nandyala: nascida em tempo de fome

Alessandro Assis

Janaina Sabino

Juliano Matos

Patrícia Fonseca

Sibele Ribeiro

A proposta ideológico-comercial da Editora Nandyala caracteriza-a como uma das mais importantes do estado de Minas Gerais por sua função social e cultural e mesmo política: especializada, a editora é referência em literatura africana em Belo Horizonte, não se restringindo ao afro-brasil e valorizando as publicações africanas, por acreditar que as raízes desse nicho literário estão na própria África. Tudo isso contribuiu para que, cativados pela proposta, tenhamos agendado uma entrevista com a responsável pela editora, Íris Amâncio, por meio de quem pretendemos conhecer e pontuar os principais acontecimentos da história da editora bem como descrever o processo editorial por ela executado.

O encontro ocorreu em uma terça-feira, às 7:00 da manhã. Esse horário parece incomum, quando pensamos que o horário comercial em Belo Horizonte, normalmente, está entre as 8:00 e as 18:00. No entanto, foi o único espaço disponível na apertada agenda de Íris, visto que ela, além de fazer praticamente todo o trabalho da editora, também leciona Português e Literaturas Africanas na PUC-Contagem. A entrevista se deu na Livraria Nandyala, localizada na Savassi, bairro nobre da capital mineira. A entrevistada nos recebeu com muita cordialidade naquele estabelecimento onde livros compartilhavam o espaço com artefatos da cultura africana, como roupas e acessórios. Toda a entrevista se caracterizou por um bate-papo agradável em que muitas das perguntas planejadas mostraram-se desnecessárias, visto que a fluidez da conversa e a espontaneidade e percepção de nosso intento, por parte da entrevistada, fizeram com que todos os objetivos propostos fossem atingidos, sem as interrupções artificiais ocasionadas pelos questionamentos.

## Para falar de história

Íris deu início à conversa nos contando um pouco sobre a história da livraria/editora. Ela nos disse que a Nandyala começou suas atividades comerciais como livraria e, após oito meses de funcionamento, também passou a atuar na área de edição, como colaboradora de uma outra editora, cujo nome a entrevistada preferiu omitir. Diante dessa relação com outras empresas, os primeiros trabalhos editoriais realizados pela Nandyala foram publicados e comercializados sob a denominação de outra editora, que estava em vias de falência, e com isso se explica o fato de algumas pessoas acreditarem que a inserção da Nandyala no meio editorial é algo recente.

A história de Íris ajuda a compreender a da Nandyala. Ela é natural de Muriaé e já foi livreira, tendo criado a Livraria Veredas, única na região e que comercializava títulos em geral. A ideologia foi preponderante para o futuro de Íris, pois a profissional em edição abandonou uma livraria própria, a qual era comercialmente mais segura, e mudou-se para Belo Horizonte, onde em parceria com Rosa Margarida, pedagoga, fundou, em setembro de 2006, a Nandyala. A opção por criar uma livraria cujo foco fosse a literatura africana não teve origem somente na questão ideológica, apesar de, como já dissemos, esta ter sido preponderante. O fato é que, além disso, não havia sentido em fundar uma livraria de títulos em geral em Belo Horizonte, dada a quantidade de empresas que já atuavam nesse segmento, o que fatalmente comprometeria os lucros. A decisão de atuar no mercado com um foco específico nasceu, também, da dificuldade de se encontrar material relacionado às literaturas produzidas na África, além de ter contribuído para a formação acadêmica de Íris, em literaturas africanas.

O nome da editora é, sem dúvida, algo muito marcante. Íris nos disse que a escolha do nome deveu-se em grande parte à sua boa sonoridade, representativa da África. A alcunha, de origem africana, agrada os clientes, apesar das confusões criadas por eles na pronúncia da palavra: *Mandala*, *Mandyala*, etc., evidenciando-se a estranheza, o conflito entre diferentes línguas. Quanto ao aspecto semântico da escolha, informou-nos que o nome vem de um personagem de uma peça angolana e que significa "nascido em tempo de fome", significado esse que representa a situação da editora/livraria, ou seja, aquela que veio suprir a falta de bibliografia africana disponível no Brasil.

## Princípios, objetivos e atuação: que a África tenha vez, tenha voz

Muito nos falou Íris sobre pontos que revelam princípios norteadores e objetivos. A editora Nandyala não pretende somente divulgar a literatura africana, mas, baseada em análises de publicações, identificar quais são os aspectos da África que ainda não foram contemplados com livros e tentar preenchê-los, além de adotar uma postura de militância e ação social, ao procurar fazer com que a lei 10.639 (que torna obrigatória a inclusão de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares) seja cumprida pelas instituições de ensino, uma vez que essa inclusão se dará preponderantemente por meio de livros. Mas não se resumem somente a isso os objetivos da empresa, já que por meio da efetivação das ações acima descritas a editora pretende esclarecer e trazer para as pessoas o riquíssimo universo africano.

A editora objetiva, ainda, amenizar um problema recorrente em outras editoras brasileiras, nas quais somente os africanos brancos e normalmente mais famosos, como Mia Couto e Agualusa, por exemplo, fazem parte dos catálogos editoriais. Por meio dessa prática, pensa a gestora da empresa, estudam-se autores africanos, mas não as literaturas africanas. Aliás, esse problema de dedicação a um grupo restrito de autores se repete em muitas universidades e centros de ensino. A Nandyala faz questão de publicar autores antigos e acredita que, com isso, desconstrói noções equivocadas, tais como a de que a alfabetização e a literatura são recentes na África. Além da vontade de disponibilizar conhecimentos, há toda uma luta em prol de uma consolidação do verdadeiro universo das africanidades no Brasil.

E a editora e livraria Nandyala expandiu seu leque de atuação, na busca de uma maior interação com seu cliente, disponibilizando ambientes favoráveis a grupos de estudo, bate-papo afro e um chá com escritores, que visa aproximar público e autor; além disso, exhibe filmes atinentes à cultura africana e fornece atendimento gratuito, mediante agendamento, a professores da educação básica. Ano que vem, pretende iniciar a venda de mapas tanto do continente todo como dos países africanos separadamente.

Se a ideologia foi preponderante, como temos visto, para a criação da editora, e a orienta em sua atuação, é evidente que seja relevante na escolha de obras para publicação. Assim, a Nandyala não publica tudo o que recebe, sendo que um dos requisitos para a publicação é a escolha criteriosa dos autores. Íris enfatiza que só procura publicar aquilo que tenha relação direta com sua linha editorial. Para exemplificar essa postura, disse-nos que, quando um autor procura a editora com o intuito de publicar um livro que não seja condizente com a proposta ideológica da Nandyala, ou que, se atende a esses requisitos, não seja “publicável”, ela “dá um jeitinho” para que a recusa da editora em publicar o livro proposto não revele o motivo. Para isso, ela dá alguma desculpa do tipo “vou demorar mais ou menos uns dois anos para publicar esse livro”, o que já é, em muitos casos, suficiente para que o autor desista e procure outra editora.

### **Públicos, projetos, parcerias**

Há um modo peculiar pelo qual a livraria Nandyala costuma ser descoberta, por se localizar em uma galeria repleta de lojas de tatuagens e *piercings*. Assim, as pessoas que acompanham aquelas que vão às tais lojas costumam sempre passear pela galeria e, dessa forma, acabam encontrando a Nandyala e em muitos casos tornam-se clientes. Ainda a respeito da localização do espaço comercial, na Savassi, Íris nos confidenciou que é estratégica, espécie de “provocação” da militância negra, por entender que esse bairro belorizontino é referência tradicional, local de uma elite branca.

A editora foi muito bem recebida pelo público leitor, uma vez que ela preencheu um espaço que não era vislumbrado pelo mercado livreiro da cidade. E prova disso, como nos contou Íris, é que muitos clientes dizem: “até que enfim um lugar onde eu posso encontrar títulos relacionados à África”. E, revelando-se uma livraria/editora de valor também em âmbito nacional, a Nandyala tem clientes de diversos estados e regiões do Brasil à procura de material. Fora do Brasil, suas publicações podem também ser encontradas em Portugal, em Angola e em Moçambique.

Além dos clientes, a Nandyala também já recebeu a visita de escritores importantes como Mia Couto. Ao falar dessa visita, Íris revelou ter ficado encantada com a generosidade e educação desse escritor e nos contou, com muito orgulho, que o autor disse a ela que a Nandyala já tinha um cantinho em seu coração.

Se em Belo Horizonte a Nandyala, além de referência, é uma das poucas livrarias especializadas em literatura africana, quando pensamos na região sudeste e, mais amplamente, no Brasil, vemos que essa bandeira é levantada também pela Sobá Livraria e Café, em Belo Horizonte, e pela Kitabu, aberta um ano e meio depois da Nandyala, na Lapa/RJ. A Kitabu, como era de se esperar, também vende livros da Nandyala.

No início de seu projeto editorial, como já dissemos, a Nandyala realizou projetos concomitantemente com outras editoras, e ao que parece o trabalho em parceria é, ainda hoje, muito comum. Mas atualmente ele se resume à distribuição. Como parceiros, Íris nos apontou a Paulinas, que procedem à distribuição dos trabalhos da Nandyala em Moçambique, e a editora Chá de Caxinde, que distribui os livros da Nandyala em Angola.

### **Aliás, vender é preciso**

Consciente das oportunidades de negócios que o meio publicitário proporciona, a Nandyala trabalha com os mais variados veículos informativos, os quais vão desde o jornal Super Notícias, de claro apelo popular, até o Estado de Minas, jornal tradicional do estado. As propagandas em panfletos e em cartazes são mais direcionadas, enfatizando um perímetro que vai da Praça Sete até a Savassi. As vendas são realizadas pelos mais variados meios, como: *e-mail*, livrarias, em eventos externos, através de uma distribuidora mineira, regionais no Paraná, na Bahia, e a livraria Kitabu, no Rio de Janeiro.

### **E o processo editorial?**

O processo editorial é das atividades principais e mais fascinantes de uma editora, e matéria de grande relevância para nossa pesquisa. Infelizmente não pudemos visitar o espaço onde se executa o trabalho operacional da Nandyala, o qual se situa em local distinto da livraria e que nossa entrevistada preferiu não revelar. Portanto, para descrever o

processo editorial, tentamos guardar a máxima fidelidade possível à fala de Íris. Em primeiro lugar, ocorre o recebimento do material, por *e-mail*, mas pede-se que o envio se realize via correios, pois com isso evitam-se encargos com impressão. Em seguida procede-se à edição. Ambas as ações são realizadas por Íris. Os remetentes são variados, sendo desde amigos da mesma área de pesquisa a pessoas com afinidades ideológicas (visto o recorte singular da Nandyala). Depois segue o criterioso processo de seleção e seus requisitos, que são: relação com africanidades, temas provocativos, os quais devem instigar o leitor. Mesmo quando alguns autores dispõem de recursos financeiros próprios, os requisitos ficam inalterados. Livros de História da África, arte, literatura, crítica, livros infantis, políticos, compõem o catálogo editorial e fazem circular o pensamento africano fora da África, para que seja acessível a todos que tenham interesse por esse fantástico continente.

É reduzido o corpo de funcionários da Nandyala, composto por uma funcionária fixa, uma que atua na parte comercial e em eventos, além da cogestora Rosa, que fica a cargo das atividades pedagógicas e das visitas, e a própria Íris. Esta, como já foi dito, faz grande parte do trabalho da editora, fica na coordenação editorial e faz inclusive a revisão dos materiais. A única ocasião em que não foi responsável pela revisão foi no caso do livro *Trajectoria*, que já foi pronto para a Nandyala, restando a Íris somente a fase de publicação, por isso, a editora não se responsabilizou pelos possíveis erros contidos no livro.

A Nandyala utiliza os serviços de quatro gráficas de grande porte (por questão de orçamento) para imprimir seus livros, todas elas mineiras, mas nem todas localizadas em Belo Horizonte. A editora trabalha usualmente com edições de 1.000 exemplares, já que menos que isso não seria viável economicamente. Dessa quantidade: 10% correspondem ao pagamento dos direitos autorais; 10% destinam-se à divulgação e 80%, à comercialização. Para a realização do projeto gráfico, a editora conta com o trabalho de três *designers*, os quais não possuem vínculo empregatício com a Nandyala, executando serviços como *free-lancers*.

Os valores pagos pelos serviços foram revelados gentilmente por Íris, até porque parece haver pouca variação. Assim, por um serviço de diagramação paga entre R\$ 3,00 a R\$ 6,00 por página, dependendo

do trabalho e do papel utilizado; a capa custa em torno de R\$ 500,00 (esta, por ser a apresentação visual do produto, faz com que Íris seja muito exigente, o que resulta em muitas interferências por parte dela no processo, e não raras são as vezes em que ela própria cria o conceito da capa). Íris nos revelou que "só de bater o olho tem a ideia de como o livro será".

Um outro ponto importante é o que se refere ao pagamento de direitos autorais, pois ele é estipulado pela legislação brasileira em 10%, quando há mais de um autor, esse percentual é dividido entre eles. O organizador recebe entre 5% a 8%. Um aspecto relevante é que esses valores não são pagos antecipadamente, e sim de acordo com as vendas, sendo efetuado o acerto entre as partes a cada seis meses. E quando o autor é o próprio investidor da publicação, a Nandyala executa o pagamento por meio de livros.

■

Toda editora, independentemente da proporção entre idealismo e interesse comercial em sua constituição, tem uma importância fundamental por trabalhar com a disseminação de conhecimentos. Entretanto, algumas se destacam, quer pelo valor intrínseco de suas propostas, quer por seu engajamento. Numa lista de editoras caracterizadas pela importância da contribuição cultural, parece-nos indubitável que um nome merece constar: Mandala, quer dizer, Nandyala.



## Casa dos Espíritos Editora: vozes de outra dimensão

André Fonseca e Silva de Carvalho

Elen Luci Cabral de Campos

Gardênia Caldeira Soares

José Junior Santos

Márcia Diniz Guimarães

A Casa dos Espíritos Editora, um sobrado de dois andares, localizado no bairro residencial Novo Progresso, em Contagem, se parece mais com uma residência do que com uma editora tradicional: sua fachada se assemelha à de uma casa comum, não há nenhuma placa ou faixa indicando que se trata de uma empresa. Por esse motivo, inclusive, tivemos dificuldade em encontrá-la; se não tivéssemos o número exato, continuaríamos a passar por ela sem percebê-la. Fomos recebidos pelo Sr. Marcos Leão, responsável pela promoção de eventos da Editora, e a entrevista transcorreu em uma varanda na parte térrea, próxima à expedição. A entrevista teve uma duração de cerca de uma hora e, baseando-nos nas respostas às nossas perguntas, obtivemos as seguintes informações: A Editora surgiu da necessidade de gerar subsídios e segurança financeiros para o trabalho espiritual que a Sociedade Espírita Everilda Batista pretendia realizar. A "espiritualidade" sugeriu que ela promovesse um trabalho de divulgação na área espírita, e o setor que deveria focar seria o de livros, jornais, palestras, seminários, tudo o que objetivasse o trabalho de esclarecimento da doutrina. Foi sugerido também pela "espiritualidade" que ficasse um tempo publicando obras psicografadas pelo médium Robson Pinheiro e que nesse tempo adquirisse experiência.

No início os fundadores da Editora ficaram inseguros por não terem nenhuma formação na área, mas surgiu o primeiro livro: *Canção da esperança*, e a partir dele todo o trabalho da Editora. A reação do público a esse livro começou a chegar: o livro estava cheio de erros. Então, começaram a se preocupar com a correção de português e com a apresentação gráfica.

Quanto aos direitos autorais, todas as editoras espíritas passam os subsídios autorais à sociedade que representam, no caso da Casa dos Espíritos, à Sociedade Everilda Batista e em especial ao trabalho denominado Universidade do Espírito, na qual os alunos são inseridos num sistema progressivo de educação do espírito. Essa sociedade é uma casa espírita que se preocupa muito com a valorização do indivíduo enquanto cidadão, ajuda-o e devolve-o à sociedade de maneira mais renovada e consciente. Exerce também outras atividades que toda associação filantrópica tem: evangelização infantil, reuniões públicas, atividades na área de mediunidade, ensino para as crianças, etc. Como tudo é gratuito na Sociedade Everilda Batista, era necessário arrecadar subsídios financeiros, e foi aí que surgiu a Editora Casa dos Espíritos. De acordo com o *Livro dos espíritos*, questões mediúnicas, ou seja, informações advindas de outra dimensão não são frutos de trabalho intelectual de um indivíduo. E vêm de maneira gratuita, sendo o indivíduo um mecanismo para sedimentar isto na dimensão física. Com base nesse princípio, as editoras espíritas encaminham sempre os recursos autorais para a instituição que dá o peso moral para a editora.

A maioria dos livros publicados pela Editora são psicografados pelo médium Robson Pinheiro. Há porém outro selo chamado Altos Planos, que trabalha com conteúdo espiritualista e de autoajuda. Segundo Marcos Leão, um dos fundadores da Sociedade Everilda Batista e da Editora Casa dos Espíritos, se eles se abrirem a um catálogo muito extenso, a Editora pode perder o foco para o qual foi criada.

Na Editora chegam vários textos de outros médiuns e escritores, que são passados por uma análise que consiste basicamente em verificar se têm a "cara da editora", se têm a forma de se expressar dela. Se o texto não tem nenhum desses requisitos, a Casa dos Espíritos ajuda o médium ou escritor a encontrar outras formas de editar suas obras.

A preparação dos originais e a revisão são feitas pelos editores Leonardo Möller e Laura Martins. Após esse trabalho, o texto é passado novamente ao médium Robson Pinheiro, que decide se as mudanças sugeridas não fogem à ideia primeira que o espírito quis apresentar. Correção e formatação prontas, passa-se para a fase de apresentação do livro: compra de papel e todo o material necessário, a arte, que é

feita por uma empresa em São Paulo que traz várias ideias. Depois a diretoria da Editora se reúne e decide como ficará o livro. Após decidirem, a empresa de São Paulo manda uma prova que depois é enviada para a gráfica também de São Paulo.

Marcos Leão, responsável pelo Departamento de Promoção de Eventos, disse que a princípio tentaram fazer o trabalho artístico e gráfico em Belo Horizonte, para valorizar as empresas mineiras, porém ficava mais caro e assim passaram a fazê-lo em São Paulo, pois mesmo com os gastos com o transporte, fica mais barato. Quanto à distribuição, segundo o Sr. Marcos, é feita para todo o Brasil, e eles já têm planos para distribuição também para o exterior. Em Belo Horizonte, seus distribuidores são a Acaiaca Distribuidora, a Leitura Distribuidora e a União Espírita Mineira.

A Casa dos Espíritos tenta fazer com que o livro apresente mais atrativos além do conteúdo do texto. Essa é uma das características dos livros da Editora e outra é a durabilidade deles. A esse propósito, vale observar que há alguns anos os livros espíritas eram feios e descartáveis. O processo editorial desses livros passou por uma evolução: deixou de ser voluntário e passou a ser profissional. Podemos destacar nessa evolução a escritora Zíbia Gasparetto, da Editora Vida & Consciência, pela ousadia de dar uma formatação inovadora aos livros espíritas e colocá-los em locais nunca imaginados. Hoje eles estão em todas as bienais, feiras e seus *stands* batem recorde de visitação.

Segundo pesquisas da Editora feitas em eventos literários, 70% das pessoas que entram em um *stand* espírita não são espíritas, e vão geralmente com alguma indicação, sensação de insatisfação, de busca por melhora, já leram um livro espírita e sentiram necessidade de ler outro, ou simplesmente têm curiosidade pelos livros.

Pela exigência do mercado, os editores da Casa dos Espíritos se sentem na obrigação de fazerem livros bonitos. Como exemplo disto temos o livro *Corpo fechado*, o qual foi feito com uma capa inédita, onde há o desenho de três furos de bala, literalmente “furados” da primeira à quarta capa do livro.

O catálogo da Editora consta dos seguintes títulos: *Legião*, *Tambores de Angola*, *Aruanda*, *Encontro com a vida*, *Faz parte do meu show*, *Crepúsculo dos deuses*, *Canção da esperança*, *Medicina da alma*,

*Caderno ilustrado de bioenergética*, *Consciência*, *Além da matéria*, *Sonhos*, *Superando os desafios íntimos*, *Serenidade*, *Sabedoria de preto-velho*, *Alforria*, *Uma alma de outro mundo me fez gostar do meu mundo*, *Gestação da Terra*, *Mulheres do evangelho*, *Apocalipse*, *Mudando para melhor*, *CD Vida nova*, *CD Espelhos da alma*, e o mais recente livro, *Corpo fechado*.

A Casa dos Espíritos Editora lança também o jornal *Spiritus*, que é um periódico editado e distribuído gratuitamente desde 1999. Esse jornal está também disponível no *site* para *download* gratuito.

Há, no mundo editorial espírita, histórias muito interessantes, como a psicografia de Humberto de Campos, cronista conhecido. A família do escritor entrou na justiça pedindo os direitos autorais, por reconhecer a estrutura de linguagem, a apresentação dos textos e a escolha de temas próprios do escritor. Era Chico Xavier quem psicografava. Então o espírito de Humberto de Campos disse a Chico que continuaria escrevendo seus contos só que sob o pseudônimo de Irmão X. A Justiça deu ganho de causa para Chico Xavier. Há outras histórias também envolvendo escritores famosos como Victor Hugo, Eça de Queiroz e Camilo Castelo Branco.

Mas, a esse respeito, a obra mais interessante dentre as edições espíritas brasileiras é o primeiro livro psicografado por Chico Xavier: *Parnaso de Além Túmulo*. Coletânea de poetas e escritores famosos, desencarnados, que passaram suas mensagens com o máximo de expressividade, principalmente para que servissem de análise sobre a existência após a morte, já que o que se leva em consideração, dentro dos estudos da mediunidade, é a informação intelectual que o instrumento pode oferecer.

## Editora Balão Vermelho: edições lúdicas

Angelli de Castro da Silva

Loiany Camile Gomes

Patrícia Souza Diniz

Simone Ferreira da Silva

### Da visita à entrevista

Em 20 de maio de 2009 fizemos uma visita à Editora Balão Vermelho, buscando conhecê-la e adiantar algumas informações para nosso trabalho. Agenor Fernandes, gerente e único funcionário atualmente, nos atendeu nesta visita e gentilmente marcou uma entrevista com a editora/autora e proprietária da Editora e da escola Balão Vermelho, Iêda Maria Luz Brito. Realizamos a entrevista com ela em 27 de maio de 2009.

### Editoras e publicações voltadas para a escola

Para se pensar a história da Editora Balão Vermelho é necessário ter em mente que sua criação foi consequência de uma demanda da Escola Balão Vermelho, ou seja, o surgimento da Editora está intrinsecamente ligado ao contexto escolar. A Editora Balão Vermelho surgiu da necessidade da Escola Balão Vermelho ter um material paradidático, de apoio ao trabalho educacional nela desenvolvido. Tal material foi escrito e organizado pela equipe pedagógica da Escola.

É fundamental salientar que a empresa de edição não nasceu de uma necessidade econômica. Assim, nunca houve uma restrição quanto à publicação, ou seja, todo material que se queria publicar foi publicado. A Editora pôde publicar suas obras pautada em critérios próprios, como, por exemplo, a qualidade do texto, e não em critérios exteriores, como a aceitabilidade do mercado ou o lucro. A produção não é feita em larga escala, seu processo é mais artesanal, por isso pode ser monitorado passo-a-passo.

A relação Editora-escola também pode ser percebida nas publicações de material didático das grandes redes de ensino. Essas redes produzem em escala industrial o próprio material didático e, além de usarem em suas escolas, também distribuem para escolas conveniadas ou que somente desejem utilizar tal material. Diferentemente da Editora Balão Vermelho, essas redes de ensino ficam atentas a vários critérios de publicação, as edições não alimentam somente suas escolas, mas são fonte de renda e lucro, uma vez que há uma ampla distribuição. O material deve, de certo modo, atender a inúmeras demandas, deve possuir um formato que agrade a muitas instituições de uma só vez.

### Formação

Formada em Pedagogia pela UFMG em 1966, a editora/autora Iêda Maria Luz Brito considera-se autodidata e afirma estudar sempre. Começou a trabalhar aos 19 anos e não pretende parar. Desde 1972, é sócia e diretora da escola Balão Vermelho, situada atualmente no bairro Mangabeiras, em Belo Horizonte. Durante a entrevista que realizamos com a autora, na Escola Balão Vermelho, Iêda citou vários autores que formam seu referencial teórico, especialmente no que tange ao seu trabalho com a Coleção Jogos de Aprender, como Emília Ferreiro, em relação ao processo de alfabetização; Arthur Gomes Morais, sobre estratégias de leitura/escrita e ortografia; Paulo Freire, sobre a relação do indivíduo com a cultura e o aprendizado.

### Fundação da Editora e motivação

A Editora Balão Vermelho foi fundada por volta de 1996, sendo a Coleção Jogos de Aprender o seu primeiro trabalho publicado. Tal coleção reúne os livros *Primeiras cruzadinhas* e *Cruzadinhas: desafios ortográficos*. Iêda nos conta que Liliane Dardot, que trabalha com a ilustração e o projeto gráfico, deu a ideia de se criar a Editora. Iêda, Maria Elena Latalisa de Sá, Liliane Dardot e Maria Elizabete Penido Lobato, atualmente, são as proprietárias da Editora. Iêda é a autora da coleção das cruzadinhas e contou-nos, ainda, que em visita à professora Maria Auxiliadora Mendes Pimentel (ex-professora da FAE – Faculdade de Educação da UFMG) tomou conhecimento de uma pesquisa realizada por linguistas acerca da

dificuldade dos alunos para escrever as consoantes em posição de coda (em final de sílaba), o que não costuma ocorrer quando a consoante ocupa posição de ataque (início de sílaba) (ex.: **m**esa e lá**p**is não geram dúvidas como omb**r**o e pal**m**a, pois, como o som é um grande indicador ortográfico para a criança, esta se confunde com as várias possibilidades de consoantes para um mesmo som, especialmente quando ela ocorre na posição de coda). A partir disso, Iêda elaborou a ideia da cruzadinha ortográfica, com diagramas cujos cruzamentos de palavras fossem feitos com as que causam dúvidas nas crianças. Dessa forma, ao escrever *pand**e**iro*, a criança sanaria a dúvida do **m** ou **n**, visto que a palavra que cruzaria com esta seria *jan**e**la*. Os diagramas permitem que os próprios alunos corrijam as palavras devido aos tipos de cruzamentos. Além disso, há respostas no final do livro, que também visam garantir ao aluno a possibilidade de corrigir e refletir sobre seus erros.

O contato da autora com professores e alunos incentivou a busca por uma didática que melhor atendesse às dúvidas e proporcionasse a reflexão e consequente aprendizado do aluno. Iêda nos disse, citando Paulo Freire, que “é preciso conhecer o indivíduo” para montar/definir o material a ser utilizado na aprendizagem deste. A proposta da coleção também visa à discussão em sala de aula, onde o professor é intermediador desse exercício e questiona os alunos sobre o tipo de dúvida que tiveram, qual a conclusão que se pode obter sobre as regularidades e irregularidades da língua na hora de usar a letra **m**, por exemplo, dentre outras possibilidades. Busca-se mostrar para o aluno o conflito, mostrar que nem sempre se escreve como se fala.

Iêda diz que na Escola Balão Vermelho o livro didático não é utilizado como material das aulas de Português, exceto para as séries finais, pois a escola foca o trabalho com linguagem escrita nas práticas de leitura e escrita de uso social, tentando aproximar as práticas escolares das práticas sociais. O jogo de palavras cruzadas foi escolhido exatamente por ter grande circulação social. A autora informou que neste ano, 2009, usou-se pela primeira vez o livro didático com os alunos dos 7º e 8º anos, apenas para que eles tivessem uma noção deste tipo de livro, e foi observado que os alunos acharam os textos muito “bobos”, se comparados com as leituras que fazem em sala. Ela contou sobre um jogo

que visa trabalhar e aprimorar as estratégias de leitura. Trata-se de um quebra-cabeça, cujas peças compõem um texto ou pequenas histórias que os alunos reconstituirão. Dessa forma, habilidades de leitura e de escrita, além do conhecimento de diversos gêneros e tipos textuais, são trabalhados e refletidos pelos alunos, que precisam montar o fio temático, encontrar e discutir as pistas que os ajudaram a construir o texto, analisar as intenções do autor, etc. Também há discussões sobre a pontuação, visando trabalhar a situação concreta, do uso da pontuação nos diversos textos e narrativas, mostrando ao aluno que não há uma regra tão rígida para usar a pontuação, que esta é também uma questão de intenção do autor.

## **Editora e publicações**

A Editora está situada à rua Grão Mogol, em um edifício comercial, no qual funcionam, dentre outros, a Província Carmelitana de Santo Elias – Comunidade Carmo Sion – e o Centro Alemão de Estudos. Sua localização proporciona um fácil acesso. A Editora ocupa uma sala alugada nesse prédio; na entrada vemos dois *banners*, um com a logomarca da Editora e outro com uma das coleções publicadas por ela. Além disso, há nas paredes da entrada vários desenhos de animais.

Quem nos recebeu, muito amigavelmente, em nossa primeira visita foi Agenor Fernandes, que trabalha na Editora há um ano e sua função é cuidar das vendas das coleções.

Nosso entrevistado explicou que a Editora é pequena e talvez não atendesse ao objetivo da pesquisa, explicitou ainda que as suas publicações são restritas: duas coleções e um livro: Coleção Jogos de Aprender, Cadernos de Ação Pedagógica e o livro *Agenda 21*. Os Cadernos de Ação Pedagógica, material que conta experiências de professores em sala de aula e discute práticas educativas, não estão sendo editados há algum tempo; a escola promovia cursos para professores e pedagogos, para discussão de temas pertinentes à educação e eram esses profissionais que demandavam os Cadernos, contudo, a escola parou momentaneamente de oferecê-los, o que causou uma queda na procura pelo material. Entretanto, os cursos voltaram a acontecer neste ano, e possivelmente tais edições poderão voltar a ser realizadas.

Segundo Agenor, a Editora surgiu justamente com essa coleção, que é o carro-chefe da instituição. A coleção é produzida para crianças de seis, sete, oito, nove e dez anos, assim, divide-se em *Primeiras cruzadinhas* e *Cruzadinhas: desafios ortográficos*; para cada idade há um livro específico e cada livro tem uma cor de capa diferente, o que serve de referência para os leitores e compradores. Além das cruzadinhas, há desenhos para ilustrar pequenos “poemas”, de autoria variada e ilustrações referentes aos desafios ortográficos.

O livro *Agenda 21*, de Mara Andrade com ilustração dos alunos da escola Balão Vermelho, nasceu da necessidade de tornar acessível para os professores o documento denominado “Agenda 21” concebido na ECO 92, conferência da ONU (Organização das Nações Unidas), que alertou o planeta da intensa degradação a que o meio ambiente estava sendo submetido. Agenor explicou ainda que o nome *agenda* sugere o local no qual anotamos informações que devem ser lembradas e *21* se refere ao século presente; seu pressuposto básico é “pensar global e agir local”. Assim, Mara Andrade, que é coordenadora dos projetos ambientais da Escola Balão Vermelho, transformou um documento formal em um livro usual para professores; a ideia foi tão bem aceita, que um dos coordenadores da *Agenda 21* no Ministério do Meio Ambiente prefaciou o livro de Mara e o governo federal deu apoio institucional à publicação, colocando sua logomarca na contracapa do livro.

### **Vendas e direitos autorais**

A demanda pela Coleção Jogos de Aprender tem sido grande; Agenor explicou que assumiu a Editora com a intenção de alargar as vendas de uma maneira geral, assim, enviou para todas as escolas das Regionais A, B e C de Belo Horizonte catálogos da Editora, DVD da autora contando sobre a criação da coleção e carta de apresentação, fazendo, dessa forma, um trabalho contínuo de divulgação. Hoje a coleção é vendida em toda Minas Gerais, São Paulo, Salvador, Paraíba, Paraná, entre outros.

O livro *Agenda 21* teve uma tiragem de 35.000 e já vendeu em torno de 20.000 exemplares. Foram as prefeituras municipais, através das secretarias de educação, as maiores compradoras. Tais secretarias, geralmente, adquirem a quantidade de exemplares de acordo com o

quadro de professores do município. Aproximadamente 60 municípios já adquiriram o livro para distribuição aos professores e para deixar nas bibliotecas como material de referência. A autora promove cursos de capacitação sobre o livro e meio ambiente para os professores. Segundo Agenor, o documento *Agenda 21* deve ser produzido por todos os estados e pelos municípios. Entretanto, como muitas cidades ainda não iniciaram o processo de implantação da Agenda 21 Local, o livro foi adquirido para que o trabalho com esse tema nas escolas pudesse sensibilizar a comunidade através dos professores, alunos, e suas famílias. As escolas privadas também são compradoras desse material, mas em uma proporção menor.

### **Revisão, projeto gráfico e impressão**

A coleção já publicada foi revista por Maria Ângela Vasconcelos, e para a próxima edição, que se adequará às mudanças da reforma ortográfica, especialmente no que se refere à acentuação, a própria Iêda intenciona fazer a revisão. Na edição antiga, além de cruzadinhas havia vários poeminhos de autores diversos, que hoje já não poderiam ser publicados devido à legislação, que atualmente não permite a publicação sem a autorização destes autores.

A responsável pelo projeto gráfico da Coleção Jogos de Aprender é Liliane Dardot, ela elabora os projetos em escritório próprio, envia para a gráfica e acompanha a impressão.

Por seu pequeno porte, a Editora não tem gráfica própria, a gráfica responsável pela impressão é O Lutador, localizada em Belo Horizonte, no bairro Planalto.

### **Estrutura e retomada das edições**

Iêda afirmou-nos que a Editora tem feito pouquíssimos trabalhos, apesar de haver demanda, e que há a intenção de cuidar-se mais desse projeto dos materiais paradidáticos. Contou-nos que tem notícias de que adultos e idosos também gostam de fazer as cruzadinhas e, por isso, tem intenção de montar um material semelhante para o EJA, que trabalhe também aspectos de vocabulários regionais e diversidades culturais, como a indígena e a africana.

## Editora FAPI: imprimindo a educação no Brasil

Bráulio César Pereira Silva

Ireni Gomes da Silva

Renata Luiza de Miranda

A autora citou um comentário de Daniel Alvarenga, ex-professor e linguista da UFMG, que disse que o material da Editora é muito bom, mas é de luxo, muito sofisticado para a escola pública. Iêda acha que os alunos merecem um material bem feito, bonito. Reconhece, entretanto, que o livro em que o aluno vai fazer anotações, se tornará descartável, o que o torna inadequado aos padrões do MEC para adoção nas escolas públicas.

As escolas públicas que conhecem o trabalho da Editora normalmente compram uma coleção e fazem cópias dela, alegou a autora, que disse reconhecer que normalmente não há verbas para investir nesse material. Mas há um cunho social nessa coleção, a preocupação com o aprendizado do aluno, preocupação em trabalhar as dificuldades de cada um através de diferentes abordagens, assim a Editora afirma que pretende buscar uma forma de publicar uma nova edição com um material mais barato, que possa ser comprado pelo governo.

Perguntamos se a Editora também recebe outras propostas de edição, vindas de professores, por exemplo, e a autora disse que sim, normalmente, são propostas de livros de literatura infantil, mas que ela não edita, por trabalhar com outros materiais.

A divulgação das publicações da Editora Balão Vermelho se dá por mala direta e foram feitos, até o momento, seis grandes congressos. Segundo Iêda, hoje essa parte editorial está mal cuidada, mas há intenção de recuperá-la.

A Editora FAPI, sediada no bairro Guarani, em Belo Horizonte/MG, está instalada em um modesto edifício, composto pelos setores de editoração, gráfica, distribuidora e *show room*.

Ao entrar na Editora FAPI, notamos que o processo de editoração é realizado por máquinas de última geração. No setor de arte-final, a ilustração nos livros é feita pelo *designer* gráfico, em uma lousa eletrônica que reproduz o seu desenho automaticamente na tela do computador. Em seguida, as ilustrações podem ser colocadas em qualquer parte do suporte material, tanto na capa quanto na mancha do texto.

Na parte gráfica, a Editora também está equipada com tecnologia de ponta, e é responsável pelas impressões de seus próprios livros. Tanta tecnologia permite também que a Editora esteja apta a produzir outros tipos de publicação, como, por exemplo, jornais, revistas, cartazes, folhetos, etc., atendendo, inclusive, a outras Editoras para a finalização de seus trabalhos.

Assim, pode-se notar que, ao contrário de muitas outras Editoras, a FAPI é responsável por todas as etapas de sua produção, desde o processo de editoração até a distribuição.

Nosso primeiro contato com a FAPI foi por telefone: agendamos uma visita e fomos recepcionados pela supervisora de produção editorial, Thais Lobo, que nos contou tudo o que sabia sobre a história da empresa, além de nos mostrar as instalações da FAPI. A entrevista foi realizada e gravada de forma muito agradável em uma sala de reuniões da própria

empresa. Thais Lobo deu início à entrevista nos contando que a FAPI é uma empresa familiar, ou seja, sua gênese tem raízes nessa instituição social chamada família, como iremos mostrar.

Tudo começou no início de 1970, quando o Sr. Fernando Augusto Pinto (diretor), juntamente com sua mulher, Gerusa Rodrigues (coordenadora editorial), decidiu montar na garagem de sua casa uma distribuidora de livros. Mas, antes disso, é preciso nos remeter a um fato muito importante para o surgimento da FAPI. Fernando começou sua trajetória como vendedor de livros e posteriormente se tornou sócio de uma Editora de pequeno porte na época. Ocorre que a sociedade foi desfeita e Fernando decidiu continuar seu trabalho juntamente com sua esposa, criando sua própria Editora. Inicialmente, quem produzia os livros era a própria Gerusa, que também era professora primária, sendo que o responsável pelas vendas era seu esposo. Gerusa produziu várias coleções destinadas à educação infantil, dentre elas uma de grande sucesso, a Coleção Dia a Dia do Professor. Os livros eram produzidos e montados de forma artesanal na própria garagem da casa do casal de empresários, onde duas ou três pessoas utilizavam como equipamento apenas um mimeógrafo. Com o passar do tempo a demanda foi aumentando, e, como a garagem se tornou pequena demais para tanto trabalho, uma casa no bairro Floresta foi alugada e posteriormente comprada para que a primeira sede dessa pequena empresa pudesse comportar o sonho desses jovens empresários. Tudo isso aconteceu em apenas cinco anos de existência da Editora. Algum tempo depois um novo espaço foi alugado na avenida Cristiano Machado, próximo ao bairro Floramar, onde atualmente funciona o depósito de livros da FAPI, pois um outro terreno no mesmo bairro foi comprado para a construção da sede atual da Editora.

Atualmente o processo de produção passa inicialmente pela seleção de originais, que é realizada pelas duas filhas e esposa do Sr. Fernando. Elas se reúnem e selecionam quais originais atendem às linhas editoriais seguidas pela Editora. É importante dizer que muitos não chegam a ser lidos, pois não se enquadram no perfil da Editora.

Como sabemos, o processo de produção de um livro tem várias etapas e uma delas é realizada pelo autor do livro, que materializa suas ideias nos originais e os envia para a Editora para que os mesmos possam

ser analisados. O autor que tiver interesse em enviar seu material para a FAPI poderá se orientar em um *link* dentro do *site* da Editora, que possui um modelo de formatação para os originais, que deverão ser entregues exclusivamente em cópia impressa, exigência do “conselho” da Família Rodrigues. A adoção de padrões é utilizada por várias Editoras, pois facilita o processo de análise e a revisão dos documentos enviados.

O pagamento dos direitos autorais varia de autor para autor: eles podem ser pagos sobre o preço de capa, ou seja, uma pequena porcentagem sobre o que é vendido, ou um valor único que o autor recebe em uma só parcela. É importante ressaltar que a FAPI também compra os direitos autorais de livros estrangeiros.

Após a seleção dos originais a serem publicados, os mesmos são encaminhados para a revisão, que se responsabilizará pela correção de possíveis erros no texto. Assim, quando a demanda de trabalho está estável, uma revisora que trabalha para a FAPI há anos se responsabiliza pela revisão. Mas, em épocas de aumento na demanda, outros profissionais são contratados para o suprimento de pessoal dentro da empresa. A remuneração da revisora “oficial” da FAPI é fixa, sendo que os contratados como *free lancers* têm sua remuneração por lauda.

Após a revisão ortográfica, o livro volta a ser revisado pela comissão editorial (família Rodrigues), que em seguida o encaminha para a equipe gráfica da empresa, que é supervisionada pela nossa entrevistada, Thais Lobo.

Primeiramente, Thais seleciona um profissional que possui o perfil adequado para a elaboração do projeto em questão. Então, o profissional tem um prazo para a elaboração e apresentação de seu projeto gráfico. Em seguida, a equipe editorial revisa o projeto do *designer*, acrescentando sugestões, correções e mudanças para se alcançar a excelência na arte-final. O projeto gráfico retorna ao seu criador, que dá prosseguimento à ilustração para uma nova prova, que passa pela revisão do conselho editorial. Este novamente corrige os “erros”, sugere novas mudanças, se necessário, e reenvia para o projetista finalizar seu trabalho. Nota-se que a busca pela perfeição dentro da Editora FAPI é uma de suas metas, pois com um mercado tão exigente a apresentação do produto final deve ser a melhor possível.

## Autêntica Editora: um percurso que deu certo

Camila Magalhães

Marcos de Faria

Nathália Vieira

Rogério Moraes

A Editora FAPI segue a linha editorial que se empenha em produzir livros de literatura infantil, infanto-juvenil, jurídicos, obras de referência e livros didáticos e paradidáticos, sendo que seu principal foco é este último gênero. Alguns exemplos dos livros paradidáticos pertencem às coleções A Maneira Lúdica de Ensinar, Aprendizagem Divertida, 1001 Incentivos Pedagógicos, dentre outros.

Devido à história de vida de Gerusa, no magistério, e de Fernando Pinto, no meio escolar como vendedor de livros, podemos dizer que a grande paixão que move a empresa são os livros voltados para a área do ensino. Como reflexo dessa dedicação à área educacional, a FAPI, que sempre se preocupou com a qualidade material e pedagógica dos seus livros, teve um de seus livros, *Hora de construir*, inserido no PNLD de 2010.

Por fim, vale a pena mencionar que a FAPI também produz alguns tipos de livros que não seguem os padrões normais de impressão, sendo produzidos como brindes em formatos de quebra-cabeça, bichinhos de pelúcia, etc.

Em setembro do ano de 1997 surgiu uma ideia que, nesse mesmo ano, se transformou em Editora. Doze anos depois, encontramos com a mentora desse projeto para uma proposta: tentar narrar um pouco da história da Autêntica Editora.

Era uma tarde de terça-feira, na recepção uma breve espera. Equipamentos a postos e câmeras a registrar aquele espaço onde se respira livros. Nas paredes, ampliações de capas de seus grandes sucessos: *A pedagogia dos monstros*, *Na captura da voz*, *O século de Borges*, dentre muitos outros. Frases e palavras gigantes compõem também o ambiente.

Fomos recebidos com bastante alegria pela responsável por aquele universo, Rejane Dias. Estampava no rosto uma satisfação em dividir um pouco da história daquele mundo de fazer letras. A conversa foi curta, mas grandiosa pelo conteúdo. O período de uma hora foi o suficiente para compreendermos que poderiam ser infinitos os meios de registrar, mesmo que minimamente, toda aquela história. Chegamos à conclusão de que seria uma tarefa árdua resumir em poucas páginas uma trajetória tão rica e peculiar como a da Autêntica Editora, com mais de uma década de trabalho editorial e quase quinhentos livros lançados. Eis aqui, na voz da Rejane, um pouco dessa história.



## Quando tudo começou

A Autêntica foi criada em setembro de 1997. Nessa época eu tinha uma agência que confeccionava revistas institucionais para grandes empresas. Em 1996 iniciou-se um verdadeiro *boom* de Internet e acreditava-se que os livros iriam acabar. Eu havia estudado Letras e a ideia de trabalhar com livros, até então, era mais uma possibilidade para a agência. Sabia que era um plano arriscado.

Foi em um encontro com Eneida Maria de Souza, que tinha sido minha professora no curso de Letras, que tudo começou. Expliquei meu interesse, e de fato, ela achou interessante minha postura, mas alertou-me sobre as dificuldades desse ramo. O primeiro livro da Autêntica foi, por indicação da própria Eneida, uma tese defendida por uma orientanda sua, Aparecida Paiva. *A voz do veto: a censura católica na leitura de romance* foi, portanto, uma das nossas primeiras publicações.

Eu acreditava que iríamos publicar dois, três, quatro livros por ano. Pretendíamos, primeiro, entender como funciona o mercado editorial, estávamos brincando de fazer livro. O primeiro trabalho ficou com uma capa bonita, mas o miolo foi um fracasso. Fizemos o miolo errado, estávamos usando laserfilme e ninguém nos falou que era preciso imprimir no verso do laserfilme, então, a impressora quebrou e acabou saindo um miolo ruim com uma capa maravilhosa. Isso chamou a atenção de todo mundo e, mais do que isso, recebemos uma avalanche de propostas. Descobrimos nosso nicho, e precisávamos estar prontos para preencher, em Minas Gerais, o espaço editorial dedicado à produção acadêmica. Estamos em um estado que, tradicionalmente, sempre produziu conhecimento intelectual em algumas áreas como Letras, Filosofia e Educação, um estado que é referência no país, na produção intelectual nas áreas de Ciências Humanas de uma forma geral.

Por acaso, nossa primeira autora, Aparecida Paiva, era, nessa época, coordenadora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, então, começamos a nos dedicar à produção de livros dessa área. Concomitantemente, iniciamos as visitas às distribuidoras. Dávamos a elas os livros que elas queriam e, pouco a pouco, fomos ganhando o espaço editorial acadêmico. Como tínhamos alguma experiência com gráfica e criação, os livros de educação foram ficando cada vez mais bonitos.

Ganhamos experiência com textos, do primeiro para o segundo ano, publicamos uma média de oito a nove livros. Em 1999 publicamos mais de dezoito. Publicamos muito em pouco tempo e quando adquirimos uma intimidade com a área, eu estava, literalmente, falida. Digo que, realmente, fomos seduzidos, capturados, pelo desejo de publicar. Eu não fazia conta do mercado editorial. Nenhuma conta. Nesse mercado, as contas são difíceis e, entre o desejo e o livro realmente ser vendável, existe uma grande diferença. As pessoas precisam comprar e, além de tudo, o livro tem que estar nos lugares onde as pessoas o veem. É preciso excitar o desejo de quem compra, a exposição do livro e sua qualidade editorial têm que estar casadas, e isso é muito difícil.

## Um mercado paralelo

Como havíamos imergido no mercado, começamos a entender que existiam no Brasil meios de vender livros paralelos ao sistema de livrarias. O mercado institucional, que são as secretarias municipais, estaduais e o próprio MEC, adquire livros para bibliotecas públicas e para os professores.

O governo colabora com setenta por cento das compras de livros no mercado. É impossível uma grande Editora, no Brasil, se consolidar sem o apoio institucional. Todas as Editoras precisam desse espaço. Logo, é preciso criar vínculo com o governo. Temos vários livros destinados somente para esse tipo de mercado.

Somos um país muito preconceituoso com a literatura de entretenimento, mas por outro lado é ela que gira o maior número de compras no mercado mundial. Não temos aqui a profissão de escritor como os que escrevem *Sabrina* ou *Júlia*. Existe um mercado e, certamente, se formos a bancas de jornal, constataremos que esses livros, chamados de "literatura popular", vendem milhões de exemplares, coisa que a gente não sabe, não conhece, por causa do preconceito.

Com os problemas da empresa, tive que me reorganizar, contratei um consultor, só nesse momento compreendi que Editora é uma empresa como outra qualquer. Existe uma série de critérios que precisam ser avaliados, é preciso planejamento, bem como saber a diferença entre custo e investimento.

Como em qualquer outra empresa, vale a pena refletir sobre o investimento em cada produto, é quando se entende que, de fato, são muitos os critérios para uma Editora dar certo, como escolher bem os livros, estabelecer focos, trabalhar sempre com planejamento.

No ano de 2008 publicamos vários livros infantis, foram no total oito trabalhos; cinco deles foram escolhidos por grandes programas de compras institucionais. Tivemos vendas de vinte e cinco mil exemplares de um deles e 11 mil de outro, aprendemos mais uma vez, e é claro que vamos continuar apostando em livros infantis.

Há momentos em que tentamos, tentamos, e a margem de acerto é pequena. Em outros momentos conclui-se que as tentativas foram tão proveitosas para o aprendizado que se entra em uma margem de acerto maior. Hoje já sei que o caminho não é mais publicar dissertações e teses, porque o mercado já não mais exige esse tipo de produto. Falar que livro barato é que vende mais é mentira. Sei que o livro que vende mais é aquele que o livreiro expõe, que tem valor agregado, uma boa tradução e, principalmente, que tenha recebido boas críticas.

### **A distribuição: um trabalho de formiguinha**

Temos, no entanto, sempre outros desafios, e um deles é a distribuição, um verdadeiro trabalho de formiguinha. Alguns livros precisam estar em livrarias, outros somente em *sites*.

Para vender um livro na Livraria Cultura, que é a melhor livraria do Brasil, é preciso dar um desconto de 50%. Por outro lado, se a ideia é que seu produto tenha um destaque, esse desconto passa a ser de 55 ou 60%. Nessa negociação, se o livro custa trinta reais, seu lucro será de quinze reais, ainda tem que incluir nos custos os 10% de direitos autorais. Temos, ainda, gastos com frete, imposto, custo de estoque. Grande parte dos livros que não dão certo necessita de estratégias para a venda. Por isso, estar no maior número de eventos possível, tanto com *stand* próprio quanto com parcerias, passou a ser uma grande tática de vendas. Estar presente e em contato com grandes lojas é muito importante. A Cultura, a Saraiva e a FNAC são ótimas clientes, temos um estoque em São Paulo para atendê-las.

O trabalho de formiguinha é uma grande metáfora para a divulgação, que deve ser feita por nós. Não podemos esperar que o distribuidor divulgue nosso livro. Não existe uma relação de mídia entre distribuidor e livreiro, o que acontece é que o responsável pelas compras de uma livraria solicita um produto e o distribuidor entrega. Uma distribuidora que precisa lidar com cerca de trezentas editoras na sua carteira não vai se preocupar com um lançamento feito pela Autêntica, nós é que precisamos fazer este trabalho. Eu, por exemplo, vou a São Paulo com um *kit* de sete a oito livros recentes para visitar as boas livrarias.

É preciso, no entanto, saber o perfil de cada livraria, por exemplo, para quê eu quero que tenha um livro de teoria literária na livraria Saraiva se ele pode estar no seu *site*? Alguém que vai comprar este tipo de literatura vai correr atrás. Mas, por outro lado, ele precisa, sim, ficar exposto na livraria do Jair na FAFICH, na Quixote. Então, em primeiro lugar o meu nicho é esse e vamos trabalhando para que o livro circule e, aos poucos, depure o catálogo.

Cometemos no meio editorial um grave erro, o “danado do achismo”. Sempre achamos que um livro vai dar certo, o autor também pensa isso. “Não existe nada publicado”, quando dizem isso já é um motivo de desconfiança. Por que será que ninguém ainda publicou sobre tal assunto? Muitas vezes o assunto é mesmo importante, mas não necessariamente atraente para que se torne uma publicação.

Temos vários projetos de editar as obras completas de Aristóteles e de Platão. Sabemos que, de cada cinco livros que publicamos, três são “fumo”, mesmo assim, sentimos prazer em editar, pois essa é a função social de uma editora. Por outro lado, a tendência é criar projetos interessantes, como traduções de clássicos, mas não mais dissertações e teses, isso não cabe mais na Autêntica. Não cabe porque a CAPES e o CNPq exigem que todos os mestres e doutores disponibilizem seus trabalhos na Internet, portanto, não há mais mercado para esse tipo de publicação.

### **Uma nova possibilidade: a tradução**

Hoje a tradução é uma ótima opção de trabalho. Primeiro porque a lei está cada vez mais rigorosa em relação ao trabalho tradutório, além de os profissionais estarem também mais organizados. Existem *sites*,

por exemplo, que denunciam traduções mal feitas. Nós não deixamos nenhum material publicitário sobre qualquer obra sem o nome do tradutor. Somos criteriosos: na folha de rosto, na ficha catalográfica, nas páginas de créditos, no *site*, no *release* para a imprensa e em qualquer material para divulgação há o nome do tradutor. Se for um livro que demande um tradutor mais caro, pagamos pelo serviço. Procuramos ter uma equipe de tradutores que sejam leais; temos uns três que ficam o tempo inteiro só traduzindo para nós. Se a tradução é cara, o custo é acrescentado na composição do preço do livro, e, se o mercado absorver, tudo bem.

Com os livros de domínio público, que são livros muito complexos, trabalhamos desta forma: fazemos um contrato e o tradutor recebe no lugar do autor, que não existe mais, então, de alguma forma, ele tem o *status* de autor, e isso é interessante, porque podemos atrair grandes tradutores com projetos próprios.

## O surgimento de novos projetos

Temos no nosso *site* um espaço para que os autores possam enviar, por *e-mail*, seu texto para avaliação. Muitos livros já foram publicados por esse meio. Mas estamos priorizando outros tipos de contato com os autores. Investimos em visitar as feiras, como a de Londres e de Bologna, pois lá podemos ter acesso a livros de primeira linha.

No fundo a editora é uma gerenciadora de conteúdo. Vamos, futuramente, investir em *e-books*. É um tipo de projeto que requer estudos, para proteção da própria editora e do autor. Não queremos simplesmente vender um *download* para um usuário e esse leitor reenviar o arquivo para todo mundo. A tecnologia, para quem já tem um bom *site* estruturado, é muito simples, mas é necessário ter cuidado com a pirataria.

A Autêntica é uma editora que não tem uma tradição de publicar livros de ficção, mas estamos mudando. Patrocinamos, por exemplo, o concurso literário José Mindlin. A experiência foi muito positiva, porque tivemos um número de inscrições maior do que tínhamos imaginado: mais de quatrocentas. O concurso foi criado para escolher um bom texto para iniciar nossas publicações de ficção.

Publicamos também o romance de Marcos Freitas, *Peixe morto*, que foi premiado pelo programa Petrobras Cultural, além de outro livro da vencedora de um concurso literário da UNI-BH, que também patrocinamos. O que a Autêntica pretende é investir em ficção estrangeira. Estamos traduzindo as obras completas da Virginia Woolf. É complicado trabalhar com ficção, primeiro devemos consolidar um espaço no mercado, bem como encontrar um modo de fazer esses livros aparecerem mais.

## Um episódio único

O trabalho de editar é muito satisfatório, mas passamos por situações problemáticas em que o melhor a se fazer é largar a profissão. Em outros momentos ficamos tão felizes que até esquecemos os grandes problemas.

Passamos uma vez por um momento muito interessante. Uma autora havia lançado um livro que gerou muita repercussão: *A função social dos amantes*, com o subtítulo "Na preservação do casamento monogâmico". Uma semana depois do lançamento fui, com a autora, três vezes a São Paulo. Demos entrevista para o Fantástico, para o Globo News e para um programa da Bandeirantes que passava à tarde. Todo mundo estava falando sobre esse livro. Ao mesmo tempo em que ganhou repercussão por causa do título, ele acabou se mostrando um estudo sociológico bem peculiar. O grande problema é que muita gente tinha dificuldade em comprá-lo por causa do nome. As pessoas começaram a ligar para a Editora para saber se tínhamos o livro, como era a forma de entrega e como embrulhávamos. Queriam que a editora informasse como é que poderiam fazer para que não aparecesse a capa. Os livreiros contavam que muitas pessoas chegavam à livraria com o nome do livro escrito em um papel porque não tinham coragem de pedi-lo pelo nome. É muito interessante perceber que existem temas que intimidam as pessoas.

Publicamos em 2008 um livro sobre aborto e uma pessoa mandou uma mensagem bastante agressiva perguntando como tínhamos coragem de editar um livro sobre esse tema. Disse, ainda, que Mônica Maia, a organizadora do livro, devia ser morta. Por outro lado, o livro virou fonte de várias matérias. Coincidiu que, na mesma época, a *Veja* soltou uma matéria de capa com a opinião de vários médicos, o que foi muito importante para a vendagem do livro.

## Autêntica

A Autêntica é uma editora que vem se consolidando mais e mais no mercado editorial. Temos um corpo de empregados especializados e só trabalhamos com pessoas formadas na área, o que faz muita diferença na qualidade dos nossos produtos. Mas sempre precisamos contratar serviços terceirizados.

O volume de publicações vem crescendo muito, temos livros volumosos, como um sobre a história das construções, são dois volumes de seiscentas páginas cada, e não dá para ocupar a equipe toda com um livro tão grande. Temos um selo que é o Gutenberg, produzimos muito por esse selo, fizemos o livro do Atlético, o do Corinthians, que exigiram muita agilidade. Assim, é claro, só nossa equipe permanente não poderia dar conta da quantidade de trabalho.

Temos, ainda, um jornal que é impresso, um boletim eletrônico que anuncia nossos lançamentos. Pretendemos, ainda, criar o *blog* da editora e, com certeza, vamos ter que contratar alguém só para esse serviço.

Acredito que as grandes editoras foram se construindo com a imagem. É muita coisa que acontece ao mesmo tempo. Aqui ninguém pisca, estão todos atentos, tudo é uma possibilidade. Todas as dicas são avaliadas e há sempre alguém para cuidar de um assunto específico. Para se ter uma ideia, para nós o maior patrimônio da editora são os autores, então, a primeira coisa que procuramos ter é uma boa relação com eles. Com o volume de trabalho que temos, é necessária uma boa equipe que entenda o que está fazendo. Fazemos questão de que o autor esteja presente em todas as etapas do trabalho, pois, afinal, é o autor que produz o nosso conteúdo, e é sempre ele a nossa prioridade.

## Editora PUC-Minas: um trabalho em florescimento

Carla Janaina de Souza Carneiro

Daniel Antônio de Sousa Alves

Liliana Tironi Prado

Verônica Gomes Olegário Leite

É impossível separar a história e a trajetória da Editora PUC-Minas do trabalho e dos esforços de Cláudia Teles, Coordenadora de Edição da editora, que, muito amavelmente, nos recebeu durante o seu horário de almoço, na terça-feira, 12 de maio de 2009. A editora funciona numa típica casa mineira, no bairro Coração Eucarístico, localizada bem próxima ao portão três da Pontifícia Universidade Católica (PUC-MINAS). Depois que nos apresentamos como estudantes da FALE/UFMG e explicamos com mais detalhes o objetivo da nossa visita, Cláudia Teles começou a nos relatar o processo de formação e estruturação, as dificuldades, os sucessos e o constante trabalho que marcaram a história da Editora PUC-Minas.

### O início de um trabalho

A história da Editora PUC-Minas começou, na verdade, em novembro de 1996, seis anos antes da inauguração formal da editora, por uma iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas. Na ocasião, Cláudia Teles foi convidada para realizar um trabalho de organização e sistematização de 25 revistas, que até então eram publicadas de modo independente por vários departamentos da universidade.

Dentre as diretrizes da iniciativa estavam: aumentar a qualidade e o nível de profissionalismo das publicações em questão. O trabalho demandou seis anos de esforços e dedicação, gerando bons resultados e desdobramentos. Um deles foi a criação da Editora PUC-Minas, em 2002.

O nascimento formal da editora trouxe consigo novas metas: ela foi criada não apenas com o objetivo de publicar os periódicos dos departamentos, mas também de dar espaço a livros resultantes de trabalhos acadêmicos, (dissertações, teses) e, também, a sonhos, como o de transformar a editora em um “trampolim” para um mercado maior.

### **Uma editora que conquistou espaços**

Apesar de ter sido criada tendo a universidade como norte, a Editora PUC-Minas já conquistou espaços fora do nicho acadêmico, ainda que este último continue sendo seu foco. Segundo Cláudia Teles, hoje em dia autores mineiros a procuram para apresentar seus originais, que a editora publica em coedição, para reduzir custos operacionais.

Um exemplo de publicação que sai do perfil acadêmico é o livro *O palco e a rua: A trajetória do teatro do Grupo Galpão*. Editada em 2006, a obra é o resultado de um trabalho de coautoria entre um autor brasileiro e um norte-americano, e faz reflexões sobre as peças já montadas pelo grupo teatral. O resultado dessa obra foi tão satisfatório que a Editora PUC-Minas foi procurada pelo Grupo Galpão, para publicar os textos das peças apresentadas. Assim, em coedição com a Editora Autêntica, foram publicados os textos das seguintes peças:

- *Pequenos milagres*
- *Partido*
- *Romeu e Julieta*
- *Textos de rua*
- *A rua da amargura*
- *Um trem chamado desejo*
- *Um homem é um homem*
- *Um Molière imaginário*

Cláudia Teles fala com muita satisfação de duas publicações sobre o Grupo Galpão, reconhecendo serem suas preferidas. A primeira trata da análise das peças e a outra corresponde aos textos das peças. “Elas saem dos portões da PUC, vão além dos muros, o público também está aqui.”

Entretanto, por restrições orçamentárias, a editora ainda não pode investir em todos os ramos que gostaria. Ainda não trabalha, por exemplo,

com ficção ou com poesia, não que esteja fechada à possibilidade, mas as dificuldades, limitações econômicas, acerca dessas publicações levam a editora a deixar para investir nessas áreas no futuro.

### **A questão financeira: dificuldades e iniciativas de divulgação**

Mais do que uma opção deliberada, a iniciativa de investir em textos não acadêmicos é uma busca por “um respiradouro, para dar pernas mais firmes à editora, e não ficar tão limitada pelo orçamento da universidade”.

A preocupação financeira sempre esteve presente no percurso da Editora PUC-Minas. Por não ter departamento financeiro próprio, ela depende fortemente da verba destinada pela Universidade aos fins editoriais, sendo que a maior parte dessa verba é destinada à publicação das revistas. A situação financeira ainda é agravada pela atual crise econômica, que afeta as mais diferentes empresas de diversos países.

A editora não tem infraestrutura que lhe garanta total independência, não tem livraria, nem posto de vendas, o que dificulta a divulgação de alguns livros e restringe suas vendas. Para enfrentar esses problemas, ela tenta se apoiar em diversas iniciativas; um exemplo disso são as chamadas com ofertas e a presença dos autores para divulgar e vender alguns livros, porém, o retorno é pequeno, uma vez que o perfil dos compradores é restrito.

Existe ainda, após quase sete anos de sua formação, uma luta enorme para difundir a editora, para valorizá-la, dar a ela visibilidade junto aos professores e alunos, mas há muita coisa a ser feita na estrutura funcional. Também há muitas metas a alcançar.

### **A qualidade do texto**

Como o catálogo da editora é, em sua maior parte, acadêmico, a preocupação com a qualidade do texto, do conteúdo, e o bom trabalho editorial do livro e sua apresentação gráfica são fundamentais para atingir vendas em um mercado cada vez mais agressivo.

Devido às muitas exigências de editoração, atualmente a editora está trabalhando com a disponibilização *on-line* das revistas. O trabalho

continua para manter algumas delas em forma impressa, mas a maioria será apresentada em forma digital. Este caminho libera a editora da preocupação com as verbas, custo do papel e outros gastos das artes gráficas, e permite um melhor acesso nas bibliotecas.

A Editora PUC-Minas possui *site* na Internet, mas não realiza vendas nem escolhe trabalhos para publicação por essa via. Cláudia Teles explica que os autores que tentam contato através da Internet são convidados a se apresentarem pessoalmente na editora, para trazer seus trabalhos à Comissão Editorial que os avaliará.

## Colaboradores e parceiros

A Editora PUC-Minas conta com um grupo pequeno de funcionários, a saber:

- Uma coordenadora editorial (Cláudia Teles de Meneses Teixeira)
- Uma revisora (Virgínia Novaes da Mata Machado)
- Uma assistente editorial (Maria Cristina de Araújo Rabelo)
- Uma divulgadora (Daniele de Freitas Mourão)
- A secretária do diretor (Maria Aparecida dos Santos Mitraut)
- E o diretor (Geraldo Márcio Alves Guimarães)

A editora trabalha em coedição com editoras de Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina. A gráfica é terceirizada, como também parte do acabamento e da revisão de originais. O pagamento de 10% de direitos autorais é realizado “em livros” para o autor, mas o desejo da editora é poder efetuar-lo em dinheiro, considerado mais justo.

## Publicações

O último trabalho publicado foi um livro que, segundo Cláudia Teles, “não é de arte, mas o acabamento é fino”. Trata-se do livro *Aspectos históricos, culturais e geográficos do município de Guaraciaba – Minas Gerais*, um levantamento histórico, geográfico e cartográfico que um professor de cartografia realizou da sua cidade natal, em Minas Gerais. Ele tinha recursos e procurou a editora PUC-Minas para a publicação da obra. Esse livro representa uma contribuição importante para a história do estado e pode chegar a se converter em coleção, apresentando outras cidades mineiras de relevância histórica, cultural e turística.

A obra mais vendida da editora foi uma coleção em coedição com a EDUSP, de São Paulo. Trata-se do livro *Ooó do Vovô! Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess de setembro de 1966 a novembro de 1967*; a obra compila cartões postais que Guimarães Rosa mandou para a neta e atualmente está esgotada.

Outras publicações que pertencem à produção acadêmica são da área de ciências sociais e da área de metodologia, a revista *Scriptum*, etc.

## Trilhas e percursos

Cláudia Teles é formada em jornalismo pela PUC-Minas, pertence à primeira turma de formandos da Universidade. Ela comentou que queria ser repórter esportiva, porque ama futebol, mas gosta muito de letras e a paixão pela edição falou mais alto. O seu amor pelo trabalho é evidente e emocionante, e demonstra uma entrega sem restrições.

Imaginou-se que a entrevista com Teles poderia ser breve, quando muito chegaria a vinte minutos, mas a conversa agradável e amena se desenvolveu por aproximadamente uma hora e vinte.

O depoimento foi feito com todo entusiasmo e pareceu mais um relato agradável e esclarecedor do que apenas a história da editora. Ao final da entrevista, Cláudia Teles foi questionada sobre suas expectativas futuras em relação à editora. Sem hesitar, e revelando paixão pelo trabalho, ela disse “acreditar, sonhar conseguir uma estrutura melhor, superar as dificuldades financeiras, caminhar para alcançar o leitor. Aumentar a capacidade das bibliotecas para que os alunos e professores tenham o produto que vale a pena fazer e que foi feito e está lá, ao seu alcance”.

Teles também falou das lembranças gratificantes, dos contatos com os autores, da admiração pelo trabalho deles, das amizades surgidas com autores e com representantes de gráficas e editoras com quem mantém parcerias, do empenho de alguns “que faz valer a pena tanto esforço neste mundo no qual há coisas a fazer com sentido humanitário”.

Quando questionada sobre um fato marcante na profissão, imediatamente Teles se lembrou de Sérgio Magnani, autor italiano, que morava no Brasil a quem não conhecia pessoalmente. Ela recebeu de João Gabriel, um médico amigo de Magnani, que tinha perdido contato

com ele, dois pacotes com textos datilografados sobre música, escritos pelo italiano. Visivelmente se percebia que o trabalho tinha sido feito às pressas, sem margem, com muitos termos em italiano. Nessa época, Cláudia trabalhava na Editora Vega, que estava se extinguindo, tentou entrar em contato com Magnani, mas sem sucesso, pois ele estava fora do Brasil. A Editora Vega fechou e Cláudia recebeu um convite para trabalhar na Editora UFMG, aceitou, foi trabalhar na editora e levou com ela os dois pacotes de textos. Tentou novamente contatar o autor e desta vez o localizou, conversou com ele sobre a possibilidade de publicar sua obra, e ele aceitou. Cláudia, numa reunião do Conselho Editorial da UFMG, que conhecia o trabalho de Magnani com música, apresentou os textos, que segundo o autor haviam sido escritos no trem rumo a Montes Claros e em intervalos entre aulas. A Editora UFMG se interessou pela publicação do livro e teve que trabalhar muito e corrigir muita coisa. "A linguagem era muito oral, com muitas palavras em italiano. Tivemos que 'capinar' bastante para produzir o livro". Quando Magnani se encontrou com Cláudia Teles seus olhos brilhavam de contentamento e, diante de certas dúvidas quanto à publicação da obra, ele lhe dirigiu estas palavras inesquecíveis, com as quais Teles terminou a entrevista, pois demonstram que tudo o que é belo e bom vale a pena tentar: "Se forem rosas florescerão".

## O impresso em Minas Gerais: uma cronologia contextualizada

<b>século XV</b>	A imprensa é inventada no Ocidente por Gutenberg, um ourives alemão, e aperfeiçoada por Furst e Schoeffer. Tem início na Europa a história da imprensa alemã, com a gazeta <i>Zeitung</i> ; e são introduzidos pelos em Portugal.
<b>1706</b>	Tem-se notícia de uma primeira tipografia no Brasil que começou a imprimir letras de cantos e breves orações devotas sem consentimento das autoridades, que teriam mandado confiscar os impressos, e a tipografia desapareceu.
<b>1724 a 1759</b>	Fundadas as primeiras academias de letras no Brasil, na Bahia (Academia de Letras dos Esquecidos e Academia de Letras dos Renascidos) e no Rio de Janeiro (Academia de Letras dos Seletos e Academia de Letras dos Felizes).
<b>1744</b>	Suposto ano da montagem da oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, tipógrafo e impressor, no Rio de Janeiro, e impressão de alguns opúsculos, sem indicação de lugar. Data da impressão de <i>Exame de Artilharia</i> , supostamente impresso na oficina de Antônio Isidoro da Fonseca. Em julho, é emitida uma provisão mandando fechar a tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca.
<b>1748</b>	Data da impressão de <i>Exame de Bombeiros</i> , supostamente impresso na oficina de Antônio Isidoro da Fonseca. D. João V proíbe, <i>terminantemente</i> , o estabelecimento da imprensa no Brasil.
<b>1789</b>	Aparecimento das <i>Cartas Chilenas</i> , em Vila Rica, Minas Gerais. As <i>Cartas Chilenas</i> foram escritas em manifesto contra o então Governador de Minas Gerais.
<b>1807</b>	Depois de aprender o ofício na tipografia Arco do Cego, do mineiro Frei Veloso, em Lisboa, Portugal, o Padre José Joaquim Viegas de Menezes, realiza, pelo processo de calcografia em placas de metal, as primeiras provas de impressão em Vila Rica, Minas Gerais, Brasil. Aparece a primeira impressão em Minas Gerais: O canto encomiástico de autoria de Diogo Pereira de Vasconcellos, para homenagear o então governador de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier de Athayde e Melo. Antônio de Araújo de Azevedo trouxe para o Brasil material inglês de tipografia.

## O impresso em Minas Gerais: uma cronologia contextualizada

1808	Decreto de 13 de maio implanta no Brasil, definitivamente, as artes tipográficas e afins. É criada a Imprensa Régia, na cidade do Rio de Janeiro, quase quatrocentos anos depois da invenção da imprensa, por Gutenberg, na Europa. São tomadas providências para a circulação do primeiro jornal brasileiro, chamado <i>Gazeta do Rio de Janeiro</i> , que, em sua primeira edição, é impresso em uma coluna.
1810	Obras importantes começam a ser impressas, entre elas a primeira edição brasileira de <i>Marília de Dirceu</i> e <i>O Uruguai</i> , de Basílio da Gama.
1814	Publica-se o <i>Catálogo de Livros Defesos neste Reino</i> . E, em 23 de março desse mesmo ano, proíbe-se a leitura das <i>Fábulas</i> de La Fontaine.
1820	Padre Menezes associa-se com Manuel José Barbosa Pimenta e Sal e, juntos, constroem uma completa oficina tipográfica, em Minas Gerais.
1821	É instalada, em Vila Rica, a Tipografia Patriota de Barbosa e Cia., que começa a ajudar na melhoria dos tipos da Imprensa Régia, no Rio de Janeiro.
1822	Foram impressos 1154 originais, entre livros e papéis avulsos em Minas Gerais. Instalação da primeira tipografia oficial em Vila Rica, sob o nome de Tipografia Oficial e da Tipografia Empresa Patrícia de Barbosa e Cia, também em Vila Rica, na província de Minas Gerais. No mesmo ano funda-se, da associação entre Joaquim Viegas de Menezes e Manoel José Barbosa Pimenta e Sal, a Typografia Patriota de Barbosa e Cia.
1823	A Tipografia Nacional, em Vila Rica, Minas Gerais, edita o jornal <i>Compilador Mineiro</i> .
1824	A <i>Gazeta do Rio de Janeiro</i> , que havia mudado várias vezes de nome e terminou de circular em 1821, ressurgiu como <i>Diário do Governo</i> , órgão oficial do Império. O <i>Diário do Governo</i> recebe o título de <i>Diário Fluminense</i> , durando até 1831. A Imprensa Patrícia publica o jornal <i>A Abelha do Itacolomi</i> , considerado o primeiro jornal impresso em Minas Gerais.
1827	Fundação da primeira tipografia em São João Del Rei, que publicou o jornal <i>Astro de Minas</i> .

## O impresso em Minas Gerais: uma cronologia contextualizada

1828	Fundação da primeira tipografia em Diamantina, que publicou o jornal <i>Echo do Serro</i> .
1830	A imprensa se espalhou por outras regiões com a criação de novos jornais. Em Mariana foi criado o jornal <i>Estrella Mariannense</i> ; no Serro, o <i>Sentinela do Serro</i> (este tendo como redator Teófilo Otoni); em Pouso Alegre, <i>O Pregoeiro Constitucional</i> . Ouro Preto ganhou duas publicações: o <i>Semanário Mercantil</i> e o <i>Mentor dos Brasileiros</i> . Em São João Del Rey foi criado o <i>Constitucional em Triumpho</i> . A Imprensa Nacional passa a ter um só diretor, o cônego Januário da Cunha Barbosa (que a dirigiu até 1832).
1832	Impressão do primeiro livro oficial na província de Minas Gerais. Segundo o <i>Atlas Cultural do Brasil</i> , trata-se do <i>Dicionário da Língua Brasileira</i> , de Luís Maria da Silva Pinto.
1835	Em Vila Rica é impressa a coleção <i>Leis do Império do Brasil</i> , por um impressor chamado Silva. Este, conforme Hallewel, seria o primeiro livro impresso em Minas Gerais do qual se tem notícias.
1881	Apresentação do poema impresso pelo padre Viegas de Menezes na exposição da História do Brasil.
1883	No catálogo da Casa Garraux, em São Paulo, havia mais publicações provinciais de Minas Gerais do que de qualquer outra parte, exceto Maranhão, Pernambuco e São Paulo.
1884	A imprensa se espalhou. Surge a composição mecânica do tipo Linotipo, de Ottmar Mergenthaler.
1897	Surge a composição mecânica do tipo Monotipo, de Tolbert Lanston.
Início do século XX	Os livros brasileiros eram impressos em Portugal e na França, pois no Brasil eles ainda eram feitos de maneira artesanal. Fora das oficinas de jornais das grandes cidades, as máquinas de composição ainda eram desconhecidas, mas já na década de 1960, com incentivo do Governo Federal, em três anos foram importados US\$40.000.000 em máquinas gráficas.
1909	Criada, em Juiz de Fora, a Academia Mineira de Letras, que foi transferida para Belo Horizonte em 1915.



## O impresso em Minas Gerais: uma cronologia contextualizada

<b>Década de 1920</b>	Monteiro Lobato faz um grande investimento em maquinário e pessoal para desenvolver um parque gráfico à altura das necessidades brasileiras. Posteriormente, o investimento se mostrou alto demais, levando Lobato à falência. O espólio foi leiloado e arrematado por Natal Daiuto (por incentivo de Lobato), que posteriormente funda a São Paulo Editora.
<b>1930</b>	Chega à São Paulo Editora (editora fundada em 1926 por Natal Daiuto e Savério d'Agostino) o primeiro linotipo.
<b>1959</b>	Foi fundada a Editora Itatiaia em Belo Horizonte, com a coleção Buriti, de literatura brasileira, e outras séries como a Biblioteca de Estudos Sociais Pedagógicos.
<b>1961</b>	Criação da Editora da Universidade de Brasília, que começa a funcionar em 1962.
<b>1962</b>	Fundação da Academia de Letras do Triângulo Mineiro.
<b>1965</b>	Fundação da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf).
<b>1966</b>	O decreto-lei 46 isenta de taxas alfandegárias as máquinas destinadas à produção de livros.
<b>1967</b>	A Geipag – Grupo Executivo das Indústrias de Papel e Artes Gráficas – consegue aportes financeiros para reequipar indústrias, o que foi um impulso para a produção nacional de equipamentos gráficos. Entra em vigor o Programa Nacional de Papel e Celulose, que possibilita ao Brasil a reversão da balança comercial de celulose: o país deixa de importar 40% das suas necessidades de papel para impressão e passa a ser um dos maiores fabricantes do produto no mundo.
<b>1970</b>	Surtem efeitos as medidas de revitalização do parque gráfico brasileiro. Nota-se a substituição da maior parte das antigas linotipos pelas máquinas de fotocomposição. O mercado editorial brasileiro atinge sua maturidade: 45 editoras operam em cada um dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mas apenas 4 em Belo Horizonte.
<b>1970 e 1971</b>	Criação e instalação da Academia de Letras de São João Del Rei.

## O impresso em Minas Gerais: uma cronologia contextualizada

<b>1973</b>	Órgãos do governo editam 275 títulos de um total de 7.080 e 2.123.140 exemplares. Tem início a publicação da Coleção Reconquista do Brasil pela Livraria Itatiaia Editora em coedição com a Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP. Implantação, na São Paulo Editora, da impressão em <i>off-set</i> .
<b>1976 a 1978</b>	O Brasil publicou 36.736 títulos e imprimiu 495.363 exemplares, dos quais Minas Gerais foi responsável por 8,05% dos títulos e 5,9% dos exemplares. No Rio de Janeiro foram produzidos 15.887 títulos e lançados 167.610 exemplares. Em São Paulo, foram produzidos 13.122 títulos e lançados 271.150 exemplares.
<b>1977</b>	O Brasil passa a exportar 13% da sua produção de papel.
<b>década de 1970</b>	O Brasil ultrapassa, pela primeira vez, a marca de um livro anual por habitante.
<b>décadas de 1970 e 1980</b>	Forte crescimento do número de editoras filiadas à Câmara Brasileira do Livro.
<b>1980</b>	Estavam em atividade em Minas Gerais cerca de 150 editoras filiadas à Câmara Brasileira do Livro.
<b>1982</b>	As editoras governamentais começam a participar da Bienal Internacional do Livro em São Paulo.
<b>1996</b>	Fundação da Academia de Letras do Noroeste de Minas.
<b>2000</b>	Criado o Salão do Livro de Belo Horizonte, que acontece, então, na Serraria Souza Pinto.
<b>2008</b>	Criada a Primeira Bienal do Livro de Belo Horizonte, que acontece no Expominas.

## Referências

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: As edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, FALE/UFMG, 2004.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Org.). *Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 25-67.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1982-2007)*. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC-SP, São Paulo, 2007.

EDITORA PUC-MINAS. Disponível em: <[www.pucminas.br/editora](http://www.pucminas.br/editora)>. Acesso em: 20 jun. 2009.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br>>. Acesso em: 09 jul. 2009.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://www.bn.br/portal/>>. Acesso em: 09 jul. 2009.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil* (sua história). Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, rev. e atual. pelo autor. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1985.

HALLEWELL, Laurence. Subsídios, co-edições e livros didáticos. In: \_\_\_\_\_. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985. p. 466-479.

HÖFLING, Eloísa de Mattos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: Em foco o Programa Nacional do Livro Didático. Campinas: *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXI, nº 70, p. 159-170, 2000.

MATARELLI, Juliane; QUEIROZ, Sônia. *Editoras mineiras*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Edições Viva Voz, 2009. v. 1.

MEC – Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/>>. Acesso em: 09 jul. 2009.

MENDES, Jairo Faria. Memória dos jornais mineiros do século XIX: revisão crítica das fontes historiográficas. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 3, GT de História da Midiologia, 2005, Novo Hamburgo, RS. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/midiologia/jairofariamendes.doc>>. Acesso em: 19 jun. 2009.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

PAIXÃO, Fernando; MIRA, Maria Celeste. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

PASSOS, Alexandre. *A Imprensa no Período Colonial*. [Rio de Janeiro]: Ministério de Educação e Saúde, 1952. (Os cadernos de cultura).

PORTAL EDITORIAL. Disponível em: <<http://www.portaleditorial.com.br>>. Acesso em: 09 jul. 2009.

SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Disponível em: <<http://www.snel.org.br>>. Acesso em: 09 jul. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Disponível em <[https://phpsistemas.cpd.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=7968](https://phpsistemas.cpd.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=7968)>. Acesso em: 21 jul. 2009.

**Publicações Viva Voz  
de interesse para a área de edição**

**Editoras mineiras v. 1**

Juliane Matarelli e Sônia Queiroz (Orgs.)

**Conversas com editores**

Ana Elisa Ribeiro e Carla Viana Coscarelli (Orgs.)

**Editoração: arte e técnica**

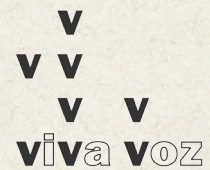
Sônia Queiroz (Org.)

**Glossário de termos de edição e tradução**

Sônia Queiroz (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: [www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)

Este livro é resultado de pesquisa realizada por alunos da disciplina Estudos Temáticos de Edição: História da Edição em Minas, ministrada pela Profa. Sônia Queiroz no primeiro semestre de 2009. Composto em caracteres Verdana e fotocopiado em papel reciclado 75 g/m<sup>2</sup> (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.

